

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

MISSÕES

QUANDO A
IGREJA LOCAL
SE TORNA
GLOBAL



ANDY JOHNSON
Apresentação de David Platt

Sou grato a Johnson por sua sabedoria, inteligência e por sua visão prática para a igreja comprometida com as missões globais. Embora escrito por um americano, esse livro não é culturalmente restrito, tampouco é etnocentricamente cego. As questões abordadas aplicam-se à igreja local em qualquer lugar do mundo. Em outras palavras, *Missões* é totalmente bíblico e, por essa razão, aqueles que, como eu, ministram em outras culturas verão que as lições desse livro são realizáveis. Sinceramente recomendo esse volume e oro para que ele tenha um público vasto, para a glória de Deus em todo o mundo.

Doug Van Meter, pastor mestre na igreja Brackenhurst Baptist Church, em Joanesburgo, África do Sul

Amo esse livro. Gosto da maneira que ele começa e termina: com a glória de Deus no evangelho. Gosto de como ele coloca a igreja local como principal responsável tanto pelo envio dos missionários quanto pela própria tarefa de fazer missões. Gosto de como ele se pauta pelos princípios bíblicos e, ainda assim, está repleto de conselhos práticos. Todos os componentes estão aqui para transformar sua congregação num lugar de missões mundial. A missão no mundo é nossa responsabilidade, sua responsabilidade.

Tim Chester, pastor da igreja Grace Church, em Boroughbridge, Reino Unido, membro do corpo docente de Crosslands e autor de *Êxodo para você*, *1Samuel para você* e *Tito para você* (a serem publicados por Vida Nova)

Johnson deu um presente à igreja com o lançamento desse manual prático para iniciar, enviar e sustentar empreendimentos missionários em sua igreja local. Todo cristão deve ler esse livro!

Robby Gallaty, pastor líder da igreja Long Hollow Baptist Church, em Hendersonville, Tennessee, Estados Unidos

Numa sociedade cada vez mais pós-cristã, é fácil perceber a urgente necessidade de fazer missões. Como podemos investir nosso tempo, energia, atenção, dinheiro e recursos humanos em missões em todo o mundo, quando as necessidades em nosso próprio campo são tão grandes e aumentam a cada dia? Caso você se sinta sobrecarregado por suas necessidades locais, talvez esse livro seja exatamente o que você precisa para levantar a cabeça para a obra e a glória de Deus internacionalmente, abrir os olhos para sua causa global, à qual ministramos, e expandir seu coração para ser mais como o dele. Talvez o que sua igreja atarefada e machucada necessite seja, precisamente, uma visão e paixão pelo que Deus é capaz de fazer ao redor do mundo, e não apenas do outro lado da rua. Cultivar essa paixão por ver a glória de Deus em todo o mundo e enviar as pessoas mais preparadas, bem como recursos para sua obra, não prejudicará o ministério em nossa casa. Ao contrário, isso o tornará poderoso e real.

David Mathis, editor-executivo de desiringGod.org, pastor da igreja Cities Church, em Mineápolis, Minnesota, Estados Unidos e autor de *Habits of grace: enjoying Jesus through the spiritual disciplines*

Andy Johnson nos deu um plano de doutrina sólido e muito prático para ajudar a igreja local a se tornar global no século 21. Oro para que esse volume seja amplamente difundido entre pastores e líderes leigos.

Al Jackson, pastor da igreja Lakeview Baptist Church, em Auburn, Alabama, Estados Unidos

Como pastor, não poderia ser mais grato a Andy Johnson por esse livro. Ainda que haja muitos livros sobre missões, esse preenche o vazio que qualquer igreja local sente quando tenta discernir a melhor forma de se envolver na missão de levar o evangelho às nações. Ele não apenas estabelece o fundamento e a estrutura tão necessários para missões, mas também responde às questões práticas que surgem inevitavelmente. Esse livro desafiador e útil, sobretudo para líderes da igreja local, é o que

procurei desde o início de meu ministério pastoral. Eu comprarei alguns exemplares e incentivarei todos os membros da minha igreja a lê-lo.

J. Josh Smith, pastor líder da igreja MacArthur Blvd. Baptist Church, em Irving, Texas, Estados Unidos

Pastor com experiência em missões, Johnson nos dá orientações perspicazes e práticas para ajudar a igreja a remodelar suas estratégias de missões de maneira mais bíblica e fiel. Especialmente valiosa é a sua ênfase no papel da igreja local, não poucas vezes subestimado atualmente no círculo de missões. É com entusiasmo que entregarei esse livro a todos os líderes e missionários da minha igreja.

John Folmar, pastor titular da igreja United Christian Church, em Dubai

A igreja foi encarregada da missão de fazer discípulos de todas as nações. Muitas vezes, no entanto, a igreja local fica desnorteada, sem uma visão clara que a oriente em seus esforços missionários. Como pastor, sou grato pelo livro de Andy Johnson, pois ele ajuda os líderes da igreja a desenvolverem um plano para suas atividades missionárias que não seja ambíguo, e sim bem-intencionado; proativo, e não reacionário. Recomendo esse livro a todos os líderes da igreja que desejem ter um plano bem estruturado para atrair a atenção das nações para o evangelho.

Afshin Ziafat, pastor líder da igreja Providence Church, em Frisco, Texas, Estados Unidos

Em *Missões*, Andy Johnson defende que a igreja glorifica a Deus não somente ao trabalhar para reunir verdadeiros adoradores de todos os povos, mas também ao usar os meios que ele delineou nas Escrituras para cumprir esses fins. Pelo fato de haver muitas opiniões diferentes acerca do que são missões, de como fazer missões e de quem é a pessoa que chamamos de missionário; Johnson dedica uma grande parte do livro a nos ajudar a encontrar respostas que estejam fundamentadas em

mandamentos, exemplos e princípios extraídos das Escrituras. Se você deseja fazer missões de maneira que só Deus receba a glória, vai querer ler esse livro e passar a outros que amam a Deus e que gostam de ver pessoas incrédulas se tornarem seguidoras de Jesus Cristo.

Juan R. Sanchez, pastor titular da igreja High Pointe Baptist Church, em Austin, Texas, Estados Unidos, e autor de *1Peter for you*

MISSÕES

Série 9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN, organizadores

Pregação expositiva (David Helm)

O evangelho (Ray Ortlund)

Evangelização (J. Mack Stiles)

Membresia na igreja (Jonathan Leeman)

Disciplina na igreja (Jonathan Leeman)

Discipulado (Mark Dever)

Presbíteros (Jeramie Rinne)

Sã doutrina (Bobby Jamieson)

Conversão (Michael Lawrence)

Missões (Andy Johnson)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Johnson, Andy

Missões: quando a igreja local se torna global / Andy Johnson; tradução de Ubevaldo G. Sampaio, Abner Arrais.

- São Paulo : Vida Nova, 2018.

160 p. (Série 9Marcas)

ISBN 978-85-275-0816-2

Título original: *Missions: how the local church goes global*,

1. Missões 2. Missão da igreja I. Título II. Sampaio, Ubevaldo G. III. Arrais, Abner.

Índices para catálogo sistemático:

1. Missões da igreja

MISSÕES



ANDY JOHNSON

Tradução
UBEVALDO G. SAMPAIO (ATÉ O CAP. 3)
ABNER ARRAIS



©2017, de Andy Johnson

Título do original: *Missions: how the local church goes global*,
edição publicada por CROSSWAY (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV). As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Lucília Marques P. da Silva

REPARAÇÃO DE TEXTO

Victória Cardoso

Guilherme Lorenzetti

REVISÃO DE PROVAS

Josiane de Almeida

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Darren Welch

Vania Carvalho (adaptação)

Imagem: Wayne Brezinka, para brezinkadesign.com

Para minha esposa, Rebecca,
minha melhor parceira nesta terra
em nosso alegre trabalho de
levar o evangelho a todos os povos.

As respostas só podem ser dadas com
base nas Escrituras. Como o trabalho de
missões é obra de Deus, não nos é
lícito improvisar.

J. H. Bavinck,
missionário na Indonésia¹

1 J. H. Bavinck, *An introduction to the science of missions* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1960), p. 5.

SUMÁRIO

Prefácio da *Série 9Marcas*

Apresentação de David Platt

Introdução: Missões — que caminho seguir?

- 1 Fundamento bíblico para missões
- 2 O mais importante primeiro
- 3 Envie e apoie bem
- 4 Pondo a casa em ordem
- 5 Parcerias saudáveis
- 6 Reformando as missões de curto prazo
- 7 Atraindo as nações por outros meios

Conclusão: Seguindo em direção às nações

PREFÁCIO DA SÉRIE 9MARCAS

Você acredita ser sua responsabilidade ajudar a construir uma igreja saudável? Se você é cristão, cremos que é o que deve fazer.

Jesus ordena que você faça discípulos (Mt 28.18-20). Judas manda que você se edifique na fé (Jd 20,21). Pedro o conclama ao uso de seus dons para servir às pessoas (1Pe 4.10). Paulo o chama a dizer a verdade em amor, a fim de que sua igreja amadureça (Ef 4.13,15). Percebe onde estamos chegando?

Seja você membro ou líder da igreja, a série *9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis* tem como alvo ajudá-lo a cumprir esses mandamentos bíblicos e, assim, desempenhar sua parte na construção de uma igreja saudável. Em outras palavras: esperamos que esses livros o ajudem a crescer em amor por sua igreja, assim como Jesus a ama.

O Ministério 9Marcas planeja produzir um livro pequeno e de fácil leitura sobre cada uma das características que Mark Dever chamou “as nove marcas da igreja saudável”, com um volume extra sobre a sã doutrina. Leia também os livros sobre pregação expositiva, teologia bíblica, o evangelho, conversão, evangelização, membresia na igreja, disciplina na igreja, discipulado e liderança bíblica na igreja (presbíteros).

As igrejas locais existem para demonstrar a glória de Deus às nações. Fazemos isso ao fixar os olhos no evangelho de Jesus Cristo, confiando nele para sermos salvos e amando uns aos outros com a santidade, a unidade e o amor de Deus. Oramos para que este livro o ajude.

Cheios de esperança,

MARK DEVER E JONATHAN LEEMAN,
organizadores da série.

APRESENTAÇÃO

Há mais de cem anos, George Pentecost afirmou: “O pastor tem o privilégio e a responsabilidade de solucionar o problema das missões internacionais”.¹ Para Pentecost, os conselhos de missões desempenham papéis importantes: desenvolver métodos, incentivar a mobilização e arrecadar fundos. Contudo, compete aos pastores a responsabilidade e o privilégio de perceber a importância das nações e despertar, em cada igreja local, a chama para a glória de Deus no mundo inteiro.

Creio que ele tinha razão.

Deixe-me esclarecer: *não* estou afirmando que os pastores devem deixar de lado o ministério nas igrejas locais. Sei que há pessoas em nossas igrejas que estão magoadas, enfrentando problemas no casamento, com filhos rebeldes e que estão lutando contra câncer, tumores e contra muitos outros desafios na vida. Não devemos ser negligentes com o ministério local do corpo de Cristo.

Também não devemos negligenciar a missão local em nossas comunidades ou em nossas cidades. Temos a incumbência de fazer discípulos, e essa ordenança será mais natural e coerente exatamente onde vivemos, no contexto dos nossos arredores. Todo membro da igreja deve perguntar: “Com o dom que recebi de Deus e com o Espírito dele que habita em mim, como posso hoje, onde moro, fazer discípulos?”. Dessa forma, devemos nos esforçar para fazer discípulos e plantar igrejas onde moramos e em toda a América do Norte. Missão local é indispensável.

Entretanto, as missões mundiais são tragicamente negligenciadas.

Há pouco tempo, eu estava próximo ao Iêmen. O Iêmen do Norte tem 8 milhões de pessoas aproximadamente. Você sabe quantos cristãos vivem no Iêmen do Norte? Vinte ou trinta. Entre 8 milhões de habitantes — o equivalente à população do Alabama e do Mississípi

juntas. Há provavelmente mais cristãos na escola bíblica dominical ou nos grupos pequenos de sua igreja do que em todo o Iêmen do Norte. Isso é um problema. É um problema porque milhões de pessoas na parte norte do Iêmen não têm acesso ao evangelho. Elas fazem parte de milhões e milhões de outros povos não alcançados no mundo que nascem, vivem e morrem sem nem mesmo ouvir as boas-novas do que Deus, em Cristo, fez para salvá-las.

Não é tarefa primordial das organizações missionárias resolver esse problema. Isso compete principalmente a toda igreja local. Especificamente, é responsabilidade fundamental do pastor de cada igreja local amar as pessoas dessa igreja e dessa comunidade, tudo visando a um fim supremo: que o nome de Cristo possa ser louvado entre todos os grupos de pessoas no planeta. Essa é a vontade do Espírito de Cristo. Então, deve ser a vontade de cada cristão, de cada pastor e de toda igreja.

Quando lemos o livro de Atos, vemos claramente a prioridade dentre as atividades da igreja local: a prioridade de divulgar o evangelho para o mundo inteiro. Em Atos 13, vemos a igreja em Antioquia adorando, jejuando e orando; e, no contexto dessa igreja local com seus líderes, o Espírito separa Paulo e Barnabé como missionários. A igreja impõe as mãos sobre eles em oração e os envia, apoiando-os à medida que vão. Paulo volta a Antioquia duas vezes para encorajar a igreja local, e depois, em sua terceira viagem missionária, escreve uma carta para outra igreja local, em Roma, pedindo apoio e ajuda para ir à Espanha, onde Cristo ainda não havia sido anunciado. Com isso, vemos as igrejas locais enviando, pastoreando e apoiando homens e mulheres em missões mundiais.

Essa é a razão por que quero encorajar cada pastor e líder de cada igreja local a assumir esse manto da missão global — a compreender o papel singular de um tipo de Antioquia que Deus deu a você e à sua igreja para levar o evangelho até os confins da Terra. Contudo, você pode indagar: “Por onde eu começo?”

Por isso sou grato pelo livro fácil de compreender que você tem em mãos. Andy Johnson prestou um ótimo serviço à igreja local e à missão global nas páginas a seguir. Tendo como base a Palavra de Deus do início ao fim, esse livro é decorrente da experiência tanto na igreja em que Andy serve quanto nas igrejas no mundo inteiro em que ele trabalha simultaneamente. Ele oferece como resultado um tesouro de sabedoria acessível a líderes e a membros de igrejas de todo porte. Quando terminei a leitura desse livro, pensei: “Meu desejo é que todo pastor e líder de cada igreja local possa ler isto!”. Não tenho dúvida de que, se o fizerem, podem mudar radicalmente não apenas o papel da igreja local na comunidade, mas também a causa de missões em todo o mundo.

Por essa razão eu sinceramente lhe recomendo esse livro, orando para que Deus possa usar esse conteúdo para acender uma chama para a glória dele no mundo, na sua vida e na sua igreja local.

David Platt

1 George F. Pentecost, citado em John M. Moore, “The presentation of missions from the pulpit”, *Missions* 6, n. 7-8 (1915): 613.

INTRODUÇÃO

Missões: que caminho seguir?

Beth parou para tomar um café espresso no *drive-thru* a caminho de casa, quando voltava da reunião do comitê de missões da igreja. Ela esperava que uma “injeção” concentrada de cafeína fosse capaz de aliviar a dor de cabeça que latejava em suas têmporas. Enquanto aguardava, reproduzia mentalmente a reunião. Todos no comitê pareciam amar Jesus e se preocupar com missões. Por que, então, as reuniões eram tão frustrantes? Mais uma noite havia sido desperdiçada com mal-entendidos e objetivos conflitantes, e nada foi resolvido. Apesar de todos terem uma óbvia preocupação com “missões”, Beth estava começando a se perguntar se, de fato, essa palavra tinha o mesmo significado para todos eles.

Dave iniciou a reunião criticando o comitê pelo foco “miope” no evangelismo. “E os pobres, os famintos, os oprimidos?” — ele perguntou — “Não é também missão da igreja cuidar de todas as suas necessidades físicas?”

Então Olivia sugeriu novamente que seria muito melhor (e mais barato) pagar os pastores locais do que enviar missionários ocidentais.

Depois houve o comentário de Harold. Ele acabara de ler um estudo descrevendo um novo método que uma organização missionária usava para produzir “87% mais conversões entre os muçulmanos” do que simplesmente pregar o evangelho bíblico. Mas será que um estudo estatístico é a melhor forma de decidir quais métodos empregar? E pelo que exatamente esses muçulmanos estavam se decidindo?

Patrícia pressionou o comitê para cessar o suporte financeiro aos missionários de tempo integral e, em vez disso, concentrar-se no envio de pessoas ao exterior para exercerem suas profissões. “O modelo antigo, em que as igrejas enviam e apoiam obreiros por longo prazo,

está desatualizado na nossa moderna economia global. Usar os negócios para fazer missões é o único caminho a seguir”, ela afirmou. Beth concordou que isso poderia ser uma coisa positiva a ser incentivada; todavia, estava muito confiante de que a ordem do apóstolo João, segundo a qual “devemos apoiar” missionários enviados pela igreja, “para que possamos ser companheiros de trabalho da verdade” ainda se aplica (3Jo 8). Contudo, quando Beth leu essa passagem em voz alta, Patrícia revirou os olhos e disse a Beth que parasse de olhar para o passado e aceitasse a próxima onda de missões.

E, óbvio, Clarence deu por encerrada a reunião, encorajando-os (mais uma vez) a se concentrar mais nas viagens de curta duração do que em financiar mais obreiros por um longo prazo. “Viagens de curta duração podem significar mudança de vida para nossa congregação”, lembrou ele, antes de contar de novo a história de sua viagem para pintar um centro comunitário na Guatemala, e de como isso havia transformado sua fé. Beth, entretanto, perguntou a si mesma se esse tipo de viagem era de fato o melhor uso do fundo de missões e do tempo de um missionário.

O ruído da janela do *drive-thru* tirou Beth de seus pensamentos. Enquanto saía com o carro, bebendo devagar seu café duplo, crescia dentro dela a sensação de que tinha de haver uma maneira melhor. Deus, certamente, deve ter dado mais orientações sobre o que é a missão e como devemos dar prosseguimento a ela. Beth, no entanto, não tinha ideia de onde encontrar essa direção ou por onde começar.

Infelizmente, não creio que Beth esteja sozinha.

Atualmente, em muitas de nossas igrejas, pessoas bem-intencionadas parecem ter dificuldades com o conceito de missões. Desejam ver Cristo glorificado e honrado. Se preocupam com as necessidades das pessoas. Contudo, na prática, muitas vezes o desejo de fazer missões deságua numa busca frenética de novas ideias, na competição pelos recursos da igreja e nos desentendimentos sobre o método.

A boa notícia deste pequeno livro é que isso não precisa ser assim.

Imagine uma igreja local em que a missão da congregação para as nações é clara e aceita por todos. Os líderes orientam a congregação para missões estratégicas. Missões são consideradas responsabilidade de todos os cristãos, e não apenas do seletor “clube de missões”. A tirania de novas tendências e a exigência de resultados imediatos e visíveis são irrelevantes. Os membros veem missões como trabalho conjunto da igreja, e não como uma atividade privada e pessoal de um indivíduo. Nessa igreja, os membros consideram missões como o ministério central da igreja, e não como um projeto esporádico de curto prazo. O relacionamento com os missionários é profundo, sério e duradouro. A oferta para missões, feita com alegria, é uma parte essencial do orçamento da igreja, não apenas fruto de recursos ocasionais e de apelos desesperados. E, de fato, os membros valorizam missões a ponto de alguns desejarem deixar para trás sua vida atual e serem enviados pela igreja por um longo tempo.

Essa ideia não é nem inviável nem um projeto complicado de pôr em prática. Já vi essa proposta se tornar realidade em diversas igrejas; grandes e pequenas. Tudo isso decorre principalmente de encontrar o programa e o método de missões na Bíblia.

A premissa principal deste livro é esta: a Palavra de Deus nos dá tudo o que precisamos saber para obedecer-lhe e trazer-lhe glória. Isso inclui tudo o que precisamos para cumprir a Grande Comissão de fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.18-20). Isso não quer dizer que a Palavra responda explicitamente a todas as perguntas que possamos inventar. Tampouco quer dizer que cada sugestão deste livro vem diretamente de um mandato ou exemplo bíblico. A premissa é que a Bíblia é completamente suficiente para nos dar o programa e os princípios que moldam nossos métodos e decisões. Nela encontramos um tesouro de princípios e imperativos que darão ordem e forma aos nossos esforços, e, nesse processo, nos libertarão da tirania opressiva que surge ao confiar apenas em nossos recursos pragmáticos e conceitos humanamente criados.

Uma das coisas que vemos claramente nas Escrituras é que a responsabilidade de fazer missões cabe a todos os cristãos, pois é uma incumbência de todas as igrejas juntas. Dessa forma, seja você um membro da igreja interessado no assunto, um líder de missões ou um pastor da igreja local, este livro tem algo a lhe ensinar.

Contudo, antes de começar a tratar da obra de missões, precisamos definir alguns princípios bíblicos fundamentais. Em seguida, podemos considerar como aplicá-los com sabedoria às nossas próprias atividades de missões. Assim, vamos começar pelo lugar onde todo o esforço de um cristão sábio deve começar: a Bíblia.

FUNDAMENTO BÍBLICO PARA MISSÕES

Certa vez, em um período de férias, aluguei um apartamento no sexto andar de um edifício que não tinha elevador. A proprietária havia sido muito clara em todos os e-mails: “Este apartamento fica no sexto andar e não tem elevador”. Mesmo assim, a relevância de sua informação não foi importante para mim, até eu chegar ofegante ao quinto andar, carregando a segunda das três malas por aquela escada sinuosa. Apesar disso, enquanto estava ali tentando me lembrar dos sintomas de um ataque cardíaco, não consegui ficar bravo com a proprietária. Ela havia sido franca a respeito disso o tempo todo. Eu deveria ter prestado mais atenção.

Agir com total transparência é uma forma boa e honesta de começar qualquer relacionamento, incluindo a relação entre um escritor (como eu) e um leitor (como você). Por isso, quero começar este livro afirmando algumas convicções bíblicas fundamentais sobre missões. Você pode não estar de acordo com cada uma delas, mas espero que não desista de ler este livro; pode haver coisas úteis aqui, mesmo que não concordemos em tudo. Depois da leitura, você pode fazer como os bereianos em Atos 17: colocar tudo à prova para ver se está de acordo com a Bíblia.

Precisamos começar definindo o objetivo da missão da igreja.

A MISSÃO DAS MISSÕES É ESSENCIALMENTE ESPIRITUAL

No início de um livro resumido como este, não precisamos entrar a fundo no debate sobre a responsabilidade da igreja de atender tanto às necessidades eternas, por meio da proclamação do evangelho; quanto às temporais, por meio da assistência material. Cada cristão deve, sem sombra de dúvida, importar-se com todo o sofrimento humano, sobretudo o terrível e eterno sofrimento de todos que permanecem sob a ira de Deus. Não é preciso colocar essas duas questões de forma antagônica em nossa vida pessoal. John Piper manteve o equilíbrio ao dizer: “Os cristãos se preocupam com qualquer sofrimento, especialmente o sofrimento eterno. Do contrário, eles têm o coração defeituoso ou um inferno sem chamas”.¹

À medida que voltamos nossa atenção para a missão global da igreja, espero que estejamos de acordo que a igreja deve se importar sobretudo com o sofrimento eterno. A igreja é aquela comunidade evangélica singular, comissionada pelo próprio Jesus Cristo. Sendo assim, ela deve trabalhar especialmente para cumprir a missão única de guardar o evangelho, proclamá-lo e discipular os que reagem a esse evangelho com arrependimento e fé. Caso nossas igrejas falhem nessa missão, não importa quantas boas obras façamos, teremos falhado no mandato ímpar que Cristo deu a nós como igreja. É benéfico fazer coisas boas, e nossas igrejas podem tomar decisões distintas a respeito do envolvimento em boas obras e em ações sociais. Contudo, a atribuição que permanece totalmente exclusiva da igreja é a mordomia do evangelho. Devemos manter as coisas mais importantes em primeiro lugar. Essa é a prioridade das missões cristãs.

É importante enfatizar isso logo de saída, pois ultimamente alguns cristãos têm defendido a ideia de que encorajar as igrejas a priorizarem uma missão espiritual faz com que seus membros e missionários não se importem com o sofrimento humano aqui na terra. No entanto, historicamente as igrejas que se concentraram mais no céu e na salvação foram as que trouxeram mais benefícios sociais. Mesmo hoje,

pesquisadores como Robert Putnam ficam intrigados com o nível incomum de doações altruístas por parte de membros de igrejas que priorizam o aspecto espiritual.² Podemos também ler o aclamado trabalho do sociólogo Robert Woodberry, que demonstrou que os “missionários protestantes de conversão” (ou seja, missionários que, acima de qualquer coisa, priorizam a salvação das almas) trouxeram mais benefícios sociais duradouros em âmbito global do que aqueles que somente, ou principalmente, se concentram em fazer apenas obras sociais.³

No entanto, não priorizamos temas de valor eterno em nossas igrejas levando em consideração a história ou as ciências sociais. Fazemos isso por amor ao próximo. Se temos a convicção de que o sofrimento eterno no inferno é mais pernicioso do que todo sofrimento humano, o que mais poderíamos priorizar? Na verdade, priorizamos questões eternas por amor a Deus. Desejamos que nossas igrejas cumpram, para a glória de Deus, o propósito para o qual ele confiou o evangelho especialmente a elas, em primeiro lugar.

Somos alegremente guiados pelo mandato de nosso Senhor para fazer “discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28.19,20). E somos guiados pela visão celestial de João, o apóstolo:

Depois destas coisas, vi uma grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de roupas brancas, com ramos de palmeiras nas mãos; e clamavam em alta voz: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro!” (Ap 7.9,10).

Chamar e discipular todos os povos que foram salvos pelo Cordeiro é o objetivo primordial de missões. Não importa qual seja a outra coisa boa que uma igreja possa optar por fazer, essa elevada visão deve ser

nosso objetivo mais importante, e a alegria pela qual trabalhamos. Qualquer outra coisa inferior a isso seria digna daquele que “veio ao mundo para salvar pecadores” (1Tm 1.15)? O evangelismo e o estabelecimento da igreja são nossas prioridades em missões.

A MISSÃO PERTENCE A DEUS, É PARA SUA GLÓRIA E É FEITA SEGUNDO SEUS TERMOS

Deus não quer apenas que sua missão avance, mas que avance de acordo com os termos dele. Ele quer ser glorificado ao mostrar que a missão pertence a ele e que seu poder a sustenta. Qualquer esforço de nossa parte, quer seja para mudar, quer seja para ampliar a missão, ou para colocar nossas ideias no lugar das ideias de Deus, corre o risco de tentar roubar a glória que pertence legitimamente a ele. E tentar roubar do Deus onisciente e todo-poderoso o que ele mais ama em todo o universo é algo assombrosamente estúpido e, em última instância, inútil. Ele diz:

Por amor do meu nome retardo a minha ira, por causa da minha honra me contarei para contigo, para que te não venha a exterminar.

Eis que te refinei, mas não como prata; provei-te na fornalha da aflição.

Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isso, porque como seria profanado o meu nome? A minha glória, não a dou a outro (Is 48.9-11).

Deus se importa com o modo em que a missão avança, pois ele não dará sua glória a outro. À medida que recorremos às páginas das Escrituras para compreender missões, essa realidade deve permanecer marcada na nossa mente. A missão de redenção do mundo inteiro é, fundamentalmente, do interesse de Deus: “Faço isso por amor de mim, por amor de mim”. E isso é maravilhoso.

A confiança que temos em missões e a nossa alegria na salvação vêm do fato de saber que a missão de misericórdia de Deus tem origem em seu desejo de ser glorificado, e não em nossa capacidade ou vontade. Glória a Deus! Ele declara:

Por amor do meu nome retardo a minha ira, por causa da
minha honra me contarei para contigo, para que te não
venha a exterminar.

Talvez esse seja um dos versículos mais encorajadores de todas as Escrituras. Enquanto Deus se importar com sua glória e continuar empenhado em obter glória, mostrando misericórdia aos pecadores, todo aquele que confia nele estará seguro, e sua missão jamais falhará. Ele decidiu como a missão deve avançar. Deus quer que ela avance pela simples proclamação do evangelho e pelo ajuntamento de seus filhos nas igrejas, a fim de que todos possam ver que a salvação é obra de Deus, e ele tenha toda a glória.

A MISSÃO GLOBAL É, EM PRIMEIRO LUGAR, RESPONSABILIDADE DA IGREJA LOCAL

De quem é a responsabilidade de realizar a missão de salvação em todo o mundo? Para quem Cristo entregou sua Grande Comissão em Mateus 28? Essa indagação é mais complexa do que perguntar quem estava presente no momento em que ele disse as palavras registradas em Mateus 28.18-20. Por um lado, a ordem de fazer missões foi dada a cada cristão individualmente. Contudo, por outro lado, a ordem foi dada às igrejas locais. Por que digo isso?

Cada um de nós é chamado, individualmente, a obedecer ao mandamento de Cristo para fazer discípulos conhecedores da sua Palavra e obedientes a ela. Entretanto, como ele quer que façamos isso? Sua Palavra é clara: normalmente devemos buscar a obediência, instruir o discípulo e plantar, por meio da igreja local, outras igrejas. A igreja

local deixa claro quem é discípulo por meio do batismo e da filiação ao corpo (At 2.41). É na igreja local que ocorre normalmente a maioria do discipulado (Hb 10.24,25). É ela que envia os missionários (At 13.3) e cuida deles após serem enviados (Fp 4.15,16; 3Jo 1-8). E ter igrejas locais saudáveis e que se reproduzem normalmente é o objetivo e a conclusão do nosso esforço missionário (At 15.41; Tt 1.5).

Contudo, por que Deus está tão empenhado em realizar essa grande obra de redenção por meio da igreja local? Porque ele é apaixonado por sua própria glória. Deus determinou agir por meio da história “para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, das autoridades e dos poderes celestiais” (Ef 3.10). Deus está empenhado em usar a igreja para realizar sua obra de redenção, a fim de mostrar sua sabedoria ao universo. A igreja foi ideia de Deus. Ela é seu único plano organizacional para missões mundiais. E, acima de tudo, ela é a amada noiva comprada com seu sangue.

Portanto, qualquer organização humana criada com o objetivo de auxiliar missões deve se lembrar de que é dama de honra, e não a noiva. Ela é o assistente de palco, e não a estrela do espetáculo. Essa posição, honra e responsabilidade foram dadas por Cristo à sua igreja, e apenas a ela. A cooperação organizada entre as igrejas visando ao sucesso da obra de missões é algo magnífico (trataremos disso mais tarde), todavia os que organizam essa cooperação devem se lembrar de que caminham junto da igreja local — não acima dela.

Em virtude da Bíblia ser tão clara acerca dessa questão, este pequeno livro não precisa de nenhuma justificativa para seu foco na igreja local como o motor das missões mundiais. Mesmo quando analisamos nosso próprio compromisso individual com a missão global, devemos fazê-lo no contexto do nosso papel como membros da igreja. Para podermos entender como desempenhar nossa comissão com fidelidade, a igreja local deve ocupar a posição central na identificação, no treinamento, no envio e no suporte. A missão foi dada à igreja de Cristo para a glória de Cristo.

A BÍBLIA DIZ MUITO A RESPEITO DE COMO CONDUZIR MISSÕES

Contudo, como Deus quer que sua missão avance? Seria uma atitude cruel da parte de Deus saber o que deseja, mas não nos dizer nada e nos deixar sozinhos tentando descobrir. Deus jamais trataria seus filhos dessa maneira. No decorrer de sua Palavra, ele nos deu uma quantidade imensa de instruções para a missão global da igreja — o que ela significa e como realizá-la com fidelidade e confiança alegre. Nós amamos e honramos a Deus não somente trabalhando para alcançar o alvo que ele nos deu — fazer adoradores de toda língua, tribo, povo e nação —, mas também ao usarmos os meios que ele ordenou. Ele nos disse que sua missão mundial avançará por meio de vidas santas, oração sincera, proclamação do evangelho e a multiplicação de igrejas saudáveis.

Na verdade, isso é o que o restante deste livro faz: explicita esses princípios da Bíblia e procura aplicá-los com sabedoria à prática missionária de nossas igrejas. A boa notícia, pois, é que, embora o trabalho de evangelismo global seja árduo, ele não é complexo. Na Bíblia, Deus nos disse tudo o que devemos saber.

A Bíblia nos diz o que é missão: a missão da igreja é mostrar a glória de Deus por meio da proclamação do evangelho a todos os povos, reunindo igrejas em todos os cantos e enchendo-as com discípulos que obedecem a Deus e o louvam, por sua graça, para sempre (Is 56; Mt 28.18-20; Rm 15.7-13; Ef 3.8-11; Ap 7.9,10).

A Bíblia também nos diz como a missão seguirá em frente: por meio da dependência cultivada em oração, da proclamação do evangelho, do discipulado bíblico e da plantação de igrejas (Êx 6.5-8; Rm 10.17; Cl 4.2-4; 1Ts 5.11).

A Bíblia nos diz que tipos de missionários devemos apoiar: os biblicamente fiéis, metodologicamente perseverantes, proclamadores do evangelho e que amam a igreja (At 16.1-3; Rm 10.14,15; 2Co 8.23; 2Tm 4.1-5; 3Jo 1-8).

A Bíblia nos diz qual deve ser o objetivo final das missões: pessoas transformadas em igrejas bíblicas que, por fim, serão reunidas a uma multidão celestial que louva para sempre o Cordeiro de Deus (Rm 8.1-11; Hb 10.19-25; Ap 7.9,10).

Isso é apenas uma pequena amostra do que as Escrituras têm a nos dizer sobre missões. Não fomos largados sozinhos, dependendo de nossos próprios recursos insignificantes para descobrir como cumprir a missão da igreja em relação às nações. Deus é bondoso e sério demais para fazer algo assim. Portanto, avancemos com convicção, tendo estes quatro princípios bíblicos em mente:

- A missão de missões é essencialmente espiritual.
- A missão pertence a Deus, é para glória dele e deve ser cumprida de acordo com os termos de Deus.
- A missão global é, em primeiro lugar, responsabilidade da igreja local.
- A Bíblia nos diz tudo o que precisamos saber a fim de cumprir fielmente a comissão de Deus.

Com esses princípios claramente estabelecidos, começaremos a expô-los e também a aplicá-los.

¹ John Piper, postado no Twitter em 23 de janeiro de 2011. Disponível em: <https://twitter.com/JohnPiper>.

² Por exemplo, Robert D. Putnam, "What's so darned special about church friends?", *Altruism, Morality and Social Solidarity Forum* (American Sociological Association) 3, n. 2 (2012): 1, 19-21.

³ Robert Woodberry, "The missionary roots of liberal democracy", *American Political Science Review* 106, n. 2 (2012): 244-74.

O MAIS IMPORTANTE PRIMEIRO

Lembro-me da primeira vez que aluguei um carro quando morei por um breve tempo na Turquia. Os pais de minha esposa estavam nos visitando e queríamos levá-los para conhecer as ruínas de Éfeso. A locadora nos concedeu um *upgrade* e ficamos com um sedã europeu novinho e muito caro. Excelente! Tudo corria bem, até eu parar em um posto de gasolina. O carro, sem nenhuma dúvida, funcionava a gasolina. O frentista, no entanto, perguntou se eu queria “benzin” ou “motorin”. De alguma forma, o vocabulário para se referir aos tipos de combustível, nunca havia aparecido em minhas aulas do idioma local. Por um momento pensei em apenas escolher um e esperar que desse certo. Precisávamos seguir em frente. Então, me veio à cabeça a imagem do que o combustível errado podia provocar num carro que valia mais de um ano de salário. Assim, durante uns 5 minutos, foi um tal de gesticular, cheirar o bico da bomba de gasolina e, por fim, consultar o dicionário de turco. Descobrimos que os turcos chamam gasolina de “benzin” e óleo diesel de “motorin”. O frentista se divertiu muito às minhas custas. Contudo, eu tinha de ter certeza, pois não importa o quanto o carro seja bom, ou o quanto minhas intenções sejam boas, tentar fazê-lo funcionar com o combustível errado não seria nada razoável.

Eu me pergunto se muitas igrejas não necessitam de uma lição semelhante quando se trata de abastecer sua paixão por missões. O primeiro passo que se exige é o combustível adequado. Às vezes, infelizmente, estamos com muita pressa e, portanto, usamos o

combustível errado. Dedicamos nosso tempo aos mapas do mundo, dados demográficos e histórias de sacrifícios missionários. Quando não, analisamos a miséria dos perdidos — o que é importante, mas não como ponto de partida. O cerne da missão que glorifica a Deus começa com a alegria no evangelho. Nossas igrejas devem, primeiramente, estimar o Deus que enviou seu próprio Filho para salvar pecadores, como eu e você. O combustível correto é importante.

Isso pode significar que a melhor maneira de encorajar a sua igreja a fazer missões é parar de falar a respeito de missões por um tempo e, em vez disso, falar mais a respeito do evangelho. Já vi igrejas que tentaram incentivar seus membros no que diz respeito a missões, mas que não estavam entusiasmadas com o evangelho. O resultado foi patético. Missões se tornou apenas mais uma área de ministério competindo pela atenção e interesse de todos. Culpa, exagero, histórias tristes — nada disso motiva da maneira certa. Como realmente é possível incentivar o sacrifício (que é o que as missões implicam), sem que as pessoas deem importância à coisa pela qual o sacrifício foi feito? Não tente motivar sua igreja para missões até que ela ame e dê valor (na verdade, valor profundo) ao que Cristo fez por ela no evangelho. As igrejas não farão nenhum esforço para recomendar o evangelho a outros enquanto não apreciarem profundamente esse evangelho.

O QUE É O EVANGELHO?

O que quero dizer com “o evangelho”? Falo da mensagem cristã histórica, as boas notícias sobre o que Deus fez pelos pecadores por intermédio de Cristo. Não me refiro às muitas implicações dessa mensagem, incluindo o que os cristãos podem fazer ou como eles podem viver. Estou me referindo à mensagem propriamente dita, sobre o que Jesus fez pelos pecadores, a única mensagem que pode salvar do inferno pecadores como eu e você, e nos levar para Deus.

O evangelho bíblico começa com o Deus que criou todas as coisas por sua palavra. Do nada, Deus falou [e trouxe] à existência todas as

galáxias e nebulosas, todas as estrelas e todos os planetas. Em nosso planeta, ele criou a vida, inclusive o primeiro homem e a primeira mulher. Deus os colocou em um jardim e deu a eles tudo para desfrutar e dominar em perfeita liberdade. A única restrição era que eles não deveriam comer de uma árvore em particular. Todavia, o rebelde inimigo de Deus entrou no jardim e tentou a mulher, Eva. O homem, Adão, não fez nada. Eles escolheram não dar crédito à instrução de Deus, ao contrário, deram ouvidos às falsas promessas de Satanás. Desde então, os seres humanos têm feito a mesma coisa. Tendo em vista que Deus é bom e justo, ele punirá o pecado. Deus não é o tipo de juiz que varre os erros para debaixo do tapete a fim de perverter a justiça. Ele é o Juiz Justo. Isso não é uma boa notícia para culpados e transgressores como nós.

Rebelar-se contra o governo amoroso do Deus perfeito é um mal inimaginável e merece punição severa, com duração e rigor inconcebíveis. Merecemos sofrer, no inferno, o castigo eterno e consciente sob a ira de Deus.

Deus, porém, em seu amor e sabedoria incalculáveis, tinha um plano para punir o pecado (e, dessa forma, ser um juiz justo) e, todavia, perdoar os pecadores como eu e você (e, dessa forma, mostrar sua misericórdia). Ele fez isso enviando Jesus, seu Filho igualmente eterno e divino para assumir a forma humana. Jesus viveu uma vida perfeita, sem qualquer rebelião contra Deus. Jesus não tinha pecado, mas voluntariamente assumiu o lugar dos pecadores. Ao ser pregado numa cruz de madeira, ele suportou toda a força da ira do Deus todo-poderoso em seu ódio justificado ao pecado. O que nosso pecado mereceu por toda a eternidade, Cristo tomou sobre si mesmo em uma agonia amorosa. O autossacrifício de Cristo absorveu o castigo merecido por cada pecador que olha para Cristo e confia nele. Deus mostrou que aceitou o sacrifício de Cristo ao ressuscitá-lo depois de três dias na sepultura.

Esse Jesus ressuscitado agora ordena a todos, de todos os lugares, que se afastem do pecado e confiem nele. E, surpreendentemente, não

temos apenas a promessa de perdão oferecida por Cristo, mas também a adoção como filhos amados do próprio Deus, o qual temos ofendido. Quando nos arrependemos de nosso pecado e confiamos em Cristo, podemos desfrutar da paz com Deus agora e da esperança segura de eterna alegria com ele. Esse é o evangelho bíblico. É a verdade para todas as pessoas, línguas, nações e para todas as culturas, durante todo o tempo.

A melhor coisa a fazer, não importa nosso cargo na igreja, é crer nesse evangelho. Devemos refletir sobre isso e medir tudo em nossas vidas à luz da verdade e valor do evangelho. Depois, devemos orar pelos líderes da igreja e gentilmente encorajá-los a tomarem a frente na defesa do evangelho. Seja grato a eles cada vez que tornam o evangelho compreensível nas pregações e incentive-os a ver a paixão por fazer missões no mundo inteiro como uma implicação bíblica natural do evangelho.

Se você é pastor ou líder da igreja, precisa expor esse evangelho, não apenas em apelos evangelísticos, mas em todo o tempo. Pessoas salvas nas reuniões da sua igreja necessitam ser lembradas com certa frequência e ajudadas a maravilhar-se com o fato de “Cristo ter morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). Onde quer que as pessoas considerem a obra de Cristo como supremamente valiosa, as missões se tornam um sacrifício glorioso e consciente. A glória do evangelho — não a necessidade da humanidade — é o combustível autossustentável das missões globais.

O QUE SIGNIFICAM OS TERMOS “MISSÕES” E “MISSIONÁRIO”?

Entretanto, o que queremos dizer com “missões” e quem deve ser denominado “missionário?” Recentemente, os dois termos sofreram reformulações bastante significativas na mente de alguns cristãos. Alguns hoje consideram que a missão da igreja abrange todas as coisas boas que os cristãos podem fazer, da ação social à proteção do meio

ambiente. Não há dúvida de que é positivo fazer essas coisas, assim como inúmeras outras que a maioria dos cristãos fazem de forma regular e individual. Neste livro, todavia, pretendo seguir o uso tradicional e histórico do termo “missões”, ou seja: fazer discípulos de todas as nações. Em outras palavras, evangelização que leva as boas-novas para além das fronteiras étnicas, linguísticas e geográficas, que reúne igrejas e as ensina a obedecer a tudo o que Jesus recomendou. Para ser sincero, fazer de outra forma é correr o risco de tornar inútil o termo “missões”, na maioria das vezes. Repetindo a frase famosa de Stephen Neill a respeito desta nova redefinição de missões: “Se tudo é missão, então nada é missão”.¹

Semelhantermente, quando me refiro a um missionário, não me refiro a qualquer cristão que vive em outra cultura e compartilha o evangelho. No capítulo 7, abordarei a contribuição valiosa que esses cristãos podem dar ao trabalho de missões. Todavia, assim como nem todo o membro da igreja que ama a Cristo é “pastor/presbítero”, e nem todo membro da igreja que fala sobre a Bíblia é “mestre”, conforme Tiago 3.1, assim também nem toda testemunha transcultural do evangelho é um missionário conforme lemos em 3João ou 1Coríntios. Manterei então, mais uma vez, a definição histórica e tradicional do termo “missionário”, isto é, alguém identificado e enviado pela igreja local para tornar o evangelho conhecido e para reunir, servir e fortalecer a igreja local em diferentes divisões étnicas, linguísticas ou geográficas. São esses os que nossas igrejas são instruídas em diversas passagens (como 3João) a apoiar.

Contudo, esse apoio se assemelha a quê? E de que modo o iniciamos como igreja?

¹ Stephen Neill, *Creative tension* (London: Edinburgh House, 1959), p. 81.

ENVIE E APOIE BEM

Um de meus amigos passou a infância na Europa, onde seu pai era missionário. Há pouco tempo, ele me falou de uma visita que ele e sua família fizeram certa vez a uma igreja nos Estados Unidos. Na época, ele tinha nove anos de idade, aproximadamente. Pouco tempo depois da chegada de sua família, um membro da igreja o convidou para ir ao “armário missionário” da igreja e pegar alguns brinquedos, além de outras coisas. Como ainda era criança, ele ficou intrigado e animado. Então, o membro da igreja abriu a porta de um grande armário. Estava cheio de roupas usadas, computadores obsoletos e brinquedos quebrados. Meu amigo ficou arrasado.

Creio que as pessoas daquela igreja eram bem-intencionadas. Contudo, não há dúvida de que um armário contendo sucatas não é o que Deus tem como ideal para o apoio missionário. Mas qual é esse ideal? Como enviamos da melhor forma os missionários, quanto apoio é o bastante e a quem enviamos? Não é de admirar que a resposta esteja na Bíblia.

PRINCÍPIOS BÁSICOS EM 3JOÃO 1-8

Em sua terceira carta, o apóstolo João instrui seu amigo, Gaio, sobre a importância de apoiar os missionários evangelistas itinerantes. Ele nos dá uma série de princípios bíblicos para moldar nossa maneira de pensar sobre o envio e o apoio missionário.

Chamando a si mesmo de “o presbítero”, ele escreve:

O presbítero ao amado Gaio, a quem eu amo na verdade.

Amado, oro por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma. Pois fiquei sobremodo alegre pela vinda de irmãos que testemunharam em teu favor, sobre como tu andas na verdade. Não tenho maior alegria do que esta: ouvir que meus filhos andam na verdade.

Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com esses irmãos, e isto fazes mesmo quando são estrangeiros, os quais perante a igreja, deram testemunho do teu amor. Bem farás se os encaminhares em sua jornada de modo digno de Deus; pois por causa do Nome foi que saíram, nada recebendo dos gentios. Portanto, devemos apoiar pessoas como essas, para nos tornarmos cooperadores da verdade (3Jo 1-8).

Nessa breve passagem, há uma série de implicações direcionadas a missões. Consideremos cinco:

1. *O interesse por missões e pelos missionários é normal (v. 3, 5 e 8).* João afirma que seu amigo Gaio está andando na verdade, e que ele é fiel no que está fazendo pelos irmãos. Ele conclui que devemos apoiar “pessoas como essas [missionários]”. As Escrituras não deixam dúvida: o desejo de apoiar a proclamação do evangelho àqueles que não ouviram é uma parte natural da saúde básica do cristão.

2. *A cooperação entre as igrejas locais é encorajada (v. 3,7).* Igualmente, a cooperação em missões entre diversas congregações locais é considerada uma coisa positiva. Esses cooperadores do evangelho saíram de outra igreja, possivelmente da igreja de João. Eles eram “estrangeiros” para Gaio (v. 5); portanto, claramente não eram de sua congregação. Todavia, João diz que Gaio “deve” apoiar essas pessoas para que as igrejas de João e Gaio se tornem parceiras em favor da verdade. O apoio conjunto aos missionários é a verdadeira cooperação evangélica que traz honra a Cristo.

3. *Saber a quem devemos apoiar é crucial* (v. 6-8). Como, porém, podemos saber a quem apoiar? O apóstolo João nos ajuda a filtrar consideravelmente a lista de opções. Certamente esperamos que os cristãos compartilhem o evangelho à medida que se dispersam em virtude da perseguição (At 8.4) ou quando viajam a negócios (Tg 4.13). Contudo, João descreve uma obrigação moral especial de apoiar aqueles que foram enviados “por causa do Nome”. É a esses que “devemos” dar suporte material. Apesar da globalização e avanços na mobilidade, até Cristo voltar sempre haverá a necessidade da igreja treinar, enviar e apoiar financeiramente missionários no exterior. Além disso, quando João observa que esses missionários não recebem ajuda alguma dos gentios, ele parece exprimir que eles não estavam ganhando dinheiro com o evangelho; portanto, a igreja deve atender às suas necessidades. Muitas pessoas compartilham o evangelho. Louvado seja Deus! Todavia, apenas alguns têm uma reivindicação moral no apoio financeiro da igreja local. Esses são os homens e as mulheres a quem chamamos missionários.

Missionários não são pregadores independentes que fazem o que querem. Eles têm responsabilidades em relação a uma igreja local específica. Os missionários mencionados em 3João provavelmente prestam contas à igreja de João, em Éfeso. Você observou a conexão com a igreja no versículo 6? João diz a Gaio que esses missionários “deram testemunho do teu amor”. Depois de receber o apoio de Gaio, eles retornaram à igreja que os havia enviado e apresentaram seu relatório. Entre outras coisas, a carta de João parece ser uma recomendação desses missionários por parte da igreja, declarando que eles são seus obreiros aprovados. Os missionários bíblicos estão conectados a uma igreja local; sempre foi assim.

4. *O apoio deve ser abundante* (v.6). Do mesmo modo, João não deixa dúvidas a respeito de como deve ser esse apoio aos missionários. Ele deve ser generoso, abundante, provido “de um modo digno de Deus”. Essa preocupação de que os obreiros cristãos sejam amplamente supridos ecoa em outras partes da Bíblia. Paulo instrui Tito: “Encaminha

com diligência Zenas, o intérprete da lei, e Apolo, a fim de que não lhes falte coisa alguma” (Tt 3.13). Nosso apoio aos missionários deve ter como objetivo assegurar que não lhes falte nada, como se estivéssemos suprimindo recursos para uma viagem do próprio Jesus. O padrão no qual temos de nos basear é muito alto.

5. *A motivação é o amor à glória de Cristo (7,8).* Por fim, vemos que a motivação que deve conduzir tanto o envio quanto o apoio é o amor à glória de Cristo e o entendimento do seu nome e da sua verdade. Essa é a força motriz do empreendimento missionário: o amor ao nome de Cristo. As necessidades daqueles ainda não alcançados pelo evangelho são grandes, mas João nos instrui a enviar com o propósito de difundir o grande nome de Cristo e a glória da sua verdade.

Os princípios de 3João são evidentes. A obediência a eles pode modificar radicalmente a maneira de pensar de alguns de nós sobre o apoio a missões em nossas igrejas. Mas como aplicamos esses princípios?

AVALIANDO OS CANDIDATOS A MISSIONÁRIOS

Tendo em vista a seriedade e as obrigações decorrentes do envio de missionários, devemos escolher cuidadosamente a quem enviar e apoiar. O temor de dar demais aos missionários pode ser uma prova de que fizemos um mau trabalho ao examinar aqueles que enviamos. Quando escolhemos as pessoas certas, não há a necessidade de nos questionarmos se estamos lhes dando dinheiro demais. Conheço muitos missionários fiéis que se viram “superabastecidos”. Eles simplesmente puseram o dinheiro à disposição para ser usado de outra forma no evangelho; compraram Bíblias, pagaram o treinamento de pregadores locais e financiaram projetos de tradução do evangelho. Nenhum deles, que eu saiba, escondeu o dinheiro em uma conta secreta ou comprou um automóvel de luxo. Se estiver seriamente preocupado que o excesso de dinheiro dado a seus missionários seja desperdiçado, talvez seja melhor trazê-los de volta e enviar outros mais confiáveis.

Sim, ter cautela é sempre aconselhável. Os missionários são pecadores caídos e salvos pela graça, exatamente como todos nós. Entretanto, nossa responsabilidade é enviar com discernimento, e não apoiar com desconfiança. As Escrituras são claras: nem todos os que se apresentam para o trabalho cristão são apropriados. Mais adiante, em 3João, somos apresentados a Diótrefes. Ele se apresentou para a liderança na igreja, mas João nada tinha de positivo a dizer sobre ele. O desejo de servir não é uma qualificação suficiente. Da mesma forma, o simples fato de os mensageiros autônimos de Atos 15 quererem ir para Antioquia não os tornava qualificados. Nós, como igreja, devemos ter muita cautela antes de “impor as mãos” sobre alguém.

É justamente por esse motivo que um foco muito restrito na urgência de fazer missões pode ser prejudicial. Vêm-me à mente sermões e *slogans* que enfatizam a urgência do trabalho missionário acima de qualquer coisa. A missão de Deus é urgente. O inferno é real e a ira de Deus para todos os que estão sem Cristo é certa. Contudo, a missão de Deus não é frenética nem corre perigo de falhar. A promessa de que Cristo não perderá nenhum daqueles que o Pai lhe deu não é como andar em uma corda bamba, em que a possibilidade de um desastre está sempre por um triz. Podemos agir tanto com urgência *quanto* com sabedoria. Jesus nos pediu que implorássemos ao Senhor da colheita, não por qualquer um que esteja vivo, mas por “trabalhadores” (Mt 9.38; Lc 10.2). Essas são as pessoas que devemos enviar. Pessoas não qualificadas podem gerar uma série de consequências ruins que vão muito além do aspecto individual.

Quando eu era criança, meu pai tinha um pequeno negócio. Ele era um homem bom, sábio e piedoso. Todavia, o fato de ter passado a vida trabalhando nas fazendas e nos campos de petróleo do Texas, não fez dele uma pessoa muito gentil. Ele não aceitava facilmente os prejuízos causados por empregados preguiçosos e perturbadores. Certa vez, o ouvi dando ordens a um dos gerentes para demitir um funcionário problemático. Ele terminou dizendo: “Sempre que esse homem está aqui é como se dois homens bons tivessem ido embora”. Nunca esqueci essa

imagem. Não é apenas uma questão de mordomia mal exercida; enviar pessoas erradas a outro país pode prejudicar o trabalho frutífero de outros obreiros. Não precisamos de missionários cujo efeito é como ter dois missionários desaparecidos.

Agir com sabedoria em relação ao envio de alguém tem início com a maneira de falar sobre missões. Você já ouviu alguém dizer: “Os cristãos não necessitam de uma razão para ir; eles necessitam de uma razão para ficar?”. Essas exortações talvez não ajudem tanto como imaginamos. De fato, os missionários não são uma classe superior do mundo cristão. Mas, realmente, será que a melhor correção é sugerir que qualquer um que não tenha um bom motivo para ficar está qualificado para ser missionário? Na verdade, não. Receio que muitas vezes, os líderes das igrejas encorajam o zelo por missões em pessoas com qualificações questionáveis, e depois deixam a cargo dos “profissionais” de uma agência missionária ter aquela conversa difícil com o candidato.

As igrejas locais, em vez disso, devem ter uma postura mais ativa e racional quando forem encorajar e equipar os membros para irem às nações. Sei que alguns podem achar que as igrejas não têm experiência para treinar missionários. Se você, porém, sabe como treinar membros saudáveis em sua própria igreja, já sabe a maior parte do que é preciso para treinar um missionário. Aqui estão três elementos a serem avaliados.

Avaliação do caráter

Em primeiro lugar, quem é a pessoa mais indicada da igreja local para avaliar o caráter do futuro missionário? É comum os missionários trabalharem em contextos onde não há, diariamente, uma supervisão regular. Muito do que eles fazem é desenvolvido de forma relacional, desestruturada e por iniciativa própria. Precisamos enviar pessoas com iniciativa, todavia fiéis e dispostas a se submeterem à autoridade. À medida que conversamos com membros de nossas igrejas no que concerne a ir às nações, nós — e não uma organização paraeclesialística

— deveríamos ser os únicos a avaliar o caráter deles e ajudá-los a crescer conforme necessário.

Precisamos estar dispostos a fazer perguntas embaraçosas, falar coisas difíceis e exercer o discernimento em nossas avaliações. Na maioria das vezes, uma pequena falha de caráter pode se tornar um grande problema. Esteja disposto a perguntar se esses indivíduos são fiéis. Será que completarão uma tarefa dada, ou precisarão de muita pressão e de alguém que os leve pela mão? São pessoas confiáveis quanto ao dinheiro, tempo, responsabilidades e com a verdade? São pessoas a quem confiaríamos responsabilidades importantes em nossa igreja?

Em 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9, o apóstolo Paulo nos oferece duas listas de qualidades de caráter essenciais para os presbíteros que, de certa forma, devem ser características de todos os que enviamos como missionários, sejam eles presbíteros ou não. Claro, queremos ser realistas e permitir espaço para o crescimento. Contudo, a não ser que uma equipe missionária queira assumir alguém que precise desenvolver o caráter de forma significativa, devemos ter a coragem de falar para determinadas pessoas: “Ainda não”. Jamais devemos abdicar dessa função e delegá-la às organizações paraeclesiais.

Avaliação dos frutos

Em segundo lugar, precisamos estar dispostos a avaliar os frutos de uma pessoa. Sei que o fruto do evangelho vem de Deus e que é possível uma pessoa ser fiel sem frutos visíveis. No entanto, é nesse ponto que a avaliação na igreja local se torna necessária.

Suponhamos que na minha igreja haja dois casais dispostos a serem enviados para o exterior como missionários. Tanto um quanto o outro vivem na mesma comunidade e têm círculos semelhantes de amigos cristãos. Todavia, um casal sempre recebe pessoas em sua casa e mantém relacionamentos importantes com estrangeiros. E a impressão que se tem é que todos os não cristãos que passam tempo com essa família

acabam se convertendo. O outro casal, entretanto, dá a impressão de nunca criar relacionamentos profundos com as pessoas. Eles se esforçam, mas por alguma razão, nunca funciona. Eles tentam compartilhar o evangelho, todavia ninguém quer procurar esse casal para uma segunda conversa. Eles começam a discipular, mas as pessoas, realmente, parecem não crescer. Na verdade, a maioria desses relacionamentos simplesmente não vingou, porque as pessoas foram buscar outras oportunidades para o discipulado. Os dois casais podem amar a Deus. Tanto um quanto outro podem estar dando o seu melhor. Contudo, incentivarei de maneira enfática minha igreja a empregar dinheiro enviando, não o segundo casal, mas o primeiro. Um rastro notável de frutos na vida de outros é uma marca substancial esperada de um bom missionário. E, geralmente, quem pode observar melhor esse tipo de rastro ao longo do tempo é a igreja.

Avaliação do conhecimento bíblico

Em terceiro lugar, juntamente com a capacidade e o caráter, queremos enviar pessoas que se destacam no conhecimento e entendimento da Bíblia. Podemos debater o quanto de *treinamento* teológico formal os missionários precisam ter. Contudo, quanto *entendimento* teológico eles devem ter? Todos aqueles que querem ver o evangelho transmitido fielmente e o estabelecimento de igrejas sólidas devem se preocupar com o último. Tome como exemplo 1Timóteo 4.16 ou Tito 1.9. A instrução na doutrina é fundamental. Os motivos (espero) são óbvios. Transmitir o evangelho exige cuidado e reflexão. Sempre queremos estar seguros de que estamos explicando e resumindo fielmente a verdade bíblica. Entretanto, comunicar o evangelho em uma nova cultura cuja compreensão é precária e em uma língua que ainda estamos dominando exige ainda maior cuidado e atenção com a teologia. A plantação transcultural de igrejas bíblicas exige um conhecimento bíblico profundo e claro a respeito do que é a igreja e o que ela faz.

Se você ler cuidadosamente Atos e as Epístolas perceberá que heresias, confusões e sincretismo ocorrem geralmente nas bordas da expansão do evangelho. Assim, é nesse ponto que precisamos do nosso pessoal mais bem equipado. Não é um trabalho para qualquer cristão que, meramente, ama compartilhar a fé. Necessitamos assegurar que aqueles que enviamos tenham profundo conhecimento teológico, a fim de que seu ensino possa se reproduzir corretamente na vida dos ouvintes, até a volta de Cristo.

PREPARAÇÃO DOS ASPIRANTES A MISSIONÁRIOS

A igreja local não tem meramente o papel de avaliar os missionários, mas também de prepará-los ativamente. Podemos não entender muito acerca de culturas específicas, aprendizado de idiomas ou até mesmo de questões históricas responsáveis por moldar as atitudes de um povo em relação ao evangelho. Todavia, a igreja local é o lugar perfeito — lugar estabelecido por Deus — para desenvolver o caráter cristão, encorajar de maneira geral a produtividade e transmitir a sã doutrina da Bíblia. Não devemos permitir que algumas coisas que não podemos saber sejam impedimento para administrar de maneira fiel e assertiva a responsabilidade por missões dada por Deus às igrejas. O lugar onde os missionários fiéis são forjados é a igreja. Se nas nossas responsabilidades básicas nossas igrejas fizerem um bom trabalho, teremos, então, tudo de que precisamos para levantar missionários piedosos.

Membresia significativa

Na minha função de pastor, muitos membros me procuram para falar sobre suas aspirações ao trabalho missionário. Eles aparecem no meu gabinete querendo que eu os ajude a avaliar suas próprias aptidões para missões e também pedem conselhos sobre o preparo e o treinamento necessário. Geralmente, eles esperam que eu lhes dê uma lista de livros sobre missões, experiências internacionais que podem ser úteis e

instruções específicas sobre o trabalho evangélico transcultural. Minha resposta para eles é normalmente desapontadora. Inclino-me, como se fosse dizer algo fora do comum, e digo: “Procure ser um membro particularmente fiel e frutífero nesta igreja local”. Em seguida, volto à posição inicial para que eles absorvam toda a profundidade da minha sabedoria.

Alguns minutos depois, dou mais uma explicação. Sim, há alguns aspectos exclusivos de missões que podemos examinar, mas não são muitos. Digo-lhes que o mais importante é que se esforcem para serem membros da igreja que abram suas casas e vivam para outras pessoas. Conheçam pessoas de outras faixas etárias, etnias ou experiências de vida. Descubram oportunidades de transmitir o evangelho, em vez de apenas esperar que as oportunidades apareçam para então agir. Juntem-se a clubes de bairro. Desenvolvam um plano para conhecer os vizinhos e, por fim, para orar com regularidade por uma lista de pessoas com quem esperam, durante o próximo mês, compartilhar o evangelho. Então, façam isso!

Falo para eles serem discipuladores. Para serem proativos nos relacionamentos cujo foco principal é ajudar a outra pessoa a crescer como cristã. Que procurem oportunidades para ensinar a Bíblia individualmente ou num grupo pequeno de estudo. Que se esforcem para crescer em conhecimento da Palavra e habilidade para explicar a verdade bíblica. Façam tudo isso para desenvolver “músculos espirituais” que poderão ser usados por Deus algum dia em outra cultura.

O cerne do preparo para missões não é o estudo de missões, mas a piedade junto com o conhecimento bíblico, o zelo evangelístico junto com o amor pela igreja de Cristo, e a paixão por ver Cristo glorificado.

Treinamento específico

Isso tudo não significa que não haja algumas coisas especiais que você possa fazer para ajudar pessoas a se prepararem para um eventual serviço missionário. Na minha própria igreja, usamos a criatividade e

criamos o termo “Grupo de Leitura de Missões”. A cada mês lemos um livro, depois, em uma página, escrevemos uma reflexão e debatemos as leituras por duas horas.

Contudo, quando os membros se reúnem, eles por vezes são surpreendidos com nossa lista de leitura. Não começamos com livros sobre missões, e sim com livros sobre a autoridade da Palavra de Deus. Lemos, então, acerca do evangelho, evangelismo e sobre a igreja. Discutimos por que um entendimento claro a respeito de todos esses tópicos é crucial para a fidelidade na obra missionária. Somente por volta do sexto mês do nosso curso, cuja duração é de dez meses, começamos a ler livros direcionados à prática de missões. Nossa intenção com isso é que nossa compreensão do evangelho e da igreja se torne mais importante do que qualquer estratégia missionária específica que venhamos a empregar. As duas coisas são importantes, mas a primeira é essencial para o missionário.

Experiência internacional

Você deve buscar também maneiras de encorajar os membros de sua igreja a, se possível, viajar para o exterior a fim de participar de trabalhos evangelísticos, sobretudo com outros líderes de sua congregação. Apesar de não ser essencial, isso é importante.

Conheci uma mulher que, aos setenta anos de idade, deixou sua casa no Texas para ser missionária na antiga União Soviética. Ela fez um bom trabalho apesar de essa ter sido não apenas sua primeira viagem internacional, mas também a primeira vez que saíra do Texas. Longas viagens e experiências internacionais não são pré-requisitos para a obra missionária. O amor pelo evangelho, uma vida fiel, uma igreja comprometida e uma disposição para ir, sim. Missionários não são turistas que viajam o mundo com o passaporte todo carimbado. Os melhores missionários tendem a ir a um lugar e ficar por lá, às vezes pelo resto da vida.

Entretanto, em nosso mundo moderno, visitar determinado lugar antes de se mudar é fácil e, muitas vezes, relativamente barato. E como é proveitoso se um líder da igreja acompanhar os futuros missionários. Eles podem conversar sobre essa experiência e ver como se comportam em uma nova cultura. Eles se refugiam nas mídias sociais e ficam atrás da parede à prova de som dos fones de ouvido do iPod? Ou se envolvem com o lugar e as pessoas? Eles estão fazendo novos amigos e se abrindo o máximo possível para essa nova vida? Tendo em vista o considerável investimento necessário para instalar o missionário em outro país, empregar algum dinheiro em uma viagem preliminar pode ser uma boa ideia.

Envolvimento local com os estrangeiros

Obviamente, algumas pessoas não precisam entrar em um avião para poder se envolver culturalmente. Em muitos locais, enormes comunidades de pessoas vindas de nações restritivas podem ser evangelizadas livremente, exatamente onde moramos. A presença de um estrangeiro em nossa cidade de origem não somente nos dá a chance de evangelização, como é também uma boa oportunidade para testar o interesse de alguém trabalhar integralmente em outras culturas em prol do evangelho. Relacionamentos interculturais podem fazer uma pessoa se sentir animada, revigorada, enquanto outra se sente exausta. Pessoas que gostam de estabelecer relacionamentos com gente de outra nacionalidade são provavelmente as mais adequadas para o trabalho missionário. Contudo, a não ser que experimentem esse tipo de relacionamento, como saberão?

APOIO FINANCEIRO GENEROSO

Não só as igrejas devem usar de sabedoria ao enviar missionários, mas também precisam apoiá-los de maneira apropriada. E nosso apoio aos obreiros deve ser em abundância, conforme a palavra de Deus ordena. À

medida que assumimos o compromisso de enviar e apoiar missionários, devemos ter em vista que a nossa doação seja séria, significativa e sacrificial. Se devemos dar aos missionários diretamente ou se devemos dar por meio de uma agência missionária, nosso objetivo deve ser o de cuidar para que os obreiros sejam supridos abundantemente e nada lhes falte.

É estranho que os cristãos às vezes têm uma ideia pietista dos “ministérios de fé” que é contrária à Bíblia nesse ponto. Durante quase uma década, atuei no conselho administrativo de uma grande agência missionária. A organização não era perfeita e algumas coisas mereciam críticas. No entanto, durante esses dez anos, uma crítica frequente por parte de outros crentes era a de que pagávamos muito dinheiro aos nossos missionários. Bem, acho que, de forma geral, sou aberto a críticas, mas confesso que, naquele caso, eu só inclinava a cabeça e olhava para a pessoa com ar de quem não estava acreditando no que ouvia. Conforme vimos anteriormente, Deus nos instrui a garantir que “não falte nada” a seus missionários e que eles sejam apoiados de maneira digna de própria riqueza e valor infinitos de Deus. Pode-se exagerar uma compensação excessiva, creio, mas em média os obreiros da nossa organização ganhavam menos do que uma família de mesmo tamanho morando nos EUA. Dificilmente isso parece exceder a letra ou o espírito da Palavra de Deus. Penso que nosso apoio somente parecia excessivo quando comparado ao apoio inadequado recebido por tantos outros missionários.

Não sei de onde veio a ideia de que missionários piedosos têm de ser pobres. Apesar dessa noção errada, nossa responsabilidade é conhecer e obedecer a Palavra de Deus. E isso se traduz suprimo abundantemente qualquer um que a nossa igreja envie por amor do nome de Jesus. Segundo a providência de Deus, muitos mensageiros do evangelho passarão necessidades. O livro de Atos e a história subsequente estão repletos de casos assim. Contudo, esses tempos de prova são prerrogativas de Deus. De nossa parte, devemos nos esforçar para sermos fiéis em nossa tarefa de enviar e apoiar.

PARCERIA COM UMA BOA AGÊNCIA MISSIONÁRIA

Falei rapidamente sobre o lugar e as limitações das agências de envio de missionários. A potencial relação entre a igreja e uma organização missionária é algo que às vezes pode ser meio problemático para ambas as partes. Quem, afinal, deve assumir a responsabilidade em última instância pelo bem-estar dos missionários?

Consideremos a seguinte situação: algumas pessoas escolhem educar seus filhos em casa, outros confiam seus filhos a uma escola. Na primeira circunstância, o pai torna-se responsável por todas as decisões educacionais: currículo, cronograma e assim sucessivamente. Na segunda, o pai delega a maioria dessas decisões aos professores. Tanto a primeira quanto a segunda circunstância, se forem cuidadosamente consideradas, podem ser uma boa escolha. Todavia, em ambos os casos, os pais sempre permanecem sendo os pais e a criança sendo sempre o filho. Os pais ainda são responsáveis perante Deus.

O mesmo acontece com o envio de membros da igreja como missionários. Algumas igrejas podem enviar os membros como missionários diretamente, cuidando de tudo. Às vezes nossa igreja age dessa forma (embora seja muito mais trabalhoso do que você possa imaginar). Entretanto, a maioria das igrejas, usa a agência missionária para ajudar a enviar os membros. Geralmente nossa igreja faz parceria com uma. Esse caminho envolve delegar à organização muitas decisões que precisam ser tomadas antes do envio. No entanto, não importa o meio de envio, a igreja local ainda mantém a responsabilidade pelo bem-estar do missionário. Um relacionamento saudável com uma boa agência de envio pode ser uma das melhores maneiras de começar na obra de missões mundiais. Mas, infelizmente, muitas igrejas usam organizações de envio paraeclesiásticas de uma forma que parece mais abdicação do que delegação. Orar e enviar dinheiro não são as únicas responsabilidades que as igrejas têm com as pessoas comissionadas ao exterior. Por outro lado, algumas organizações missionárias têm prazer

em tomar para si responsabilidades que foram dadas por Cristo à igreja local.

Apesar disso, a centralidade da igreja local na obra de missões não denota virtude no fato de igrejas não cooperarem ou empreenderem sozinhas a tarefa. Conforme observamos a partir de 3 João e Filipenses, a Escritura recomenda a cooperação entre igrejas no envio e apoio aos missionários. Uma forma de fazer isso é por meio de organizações que atuam lado a lado com as igrejas no envio de missionários. Algumas organizações servem a um determinado grupo de igrejas, como a Junta de Missões Internacionais da Convenção Batista do Sul, com a qual minha própria igreja coopera consideravelmente. Outras organizações não são tão específicas, mas as melhores têm algumas características em comum. Elas oferecem sólido treinamento aos novos missionários em assuntos com os quais a igreja local talvez não esteja tão preparada para lidar — como aprendizagem de idiomas, questões culturais específicas, pagamento de impostos em outro país, segurança da informação e saúde dos missionários. As agências de missões podem também oferecer supervisão diária e suporte estratégico no campo, algo que a maioria das igrejas simplesmente não pode oferecer.

Ainda que as agências missionárias não possam transformar um crente imaturo em um missionário frutífero em algumas semanas ou meses de treinamento, elas podem ter muito a ensinar aos nossos missionários. As melhores agências de missões não se intrometem no trabalho nem agem como se fossem a igreja. Em vez disso, elas incentivam e ajudam, às vezes até despertando as igrejas locais para sua importante tarefa de cuidar dos obreiros que enviam. Ao cooperar com uma igreja, as agências de missões podem ajudar a enviar obreiros a locais difíceis, os quais a maioria das igrejas não tem a capacidade de alcançar sozinha.

MANTENDO A RESPONSABILIDADE DA IGREJA LOCAL

Para a maioria das igrejas, uma boa agência de missões é uma parceira valiosa. Todavia, quer a igreja envie missionários diretamente, quer envie por meio de uma agência, a igreja local deve manter a responsabilidade pelo bem-estar dos missionários. Como a igreja local pode cuidar bem dos seus missionários? Basicamente, isso significa trabalhar deliberadamente para conhecer suas necessidades e agir para o bem deles. Vejamos aqui algumas áreas importantes a serem consideradas.

Regularidade na comunicação

O fundamento que capacita uma congregação a cuidar de seus missionários é uma comunicação regular. Não podemos atender as necessidades que não conhecemos. E é difícil atender às necessidades pastorais quando os relacionamentos estão atrofiados. Felizmente, talvez nunca tenha sido tão fácil manter relacionamentos à distância. Com e-mail e Skype, normalmente não há razão para ficar sem contato com os obreiros. Mas ainda é preciso esforço. Compromissos, fuso horário diferente e, às vezes, as preocupações com a segurança podem afastar de nossa agenda essas chamadas. A liderança da igreja deve pensar em estabelecer um horário mensal habitual para fazer contato com cada obreiro apoiado pela igreja. Além disso, ela pode encontrar outro membro da igreja disposto a regularmente manter o contato com cada missionário e, por vezes, entregar um relatório à congregação.

Visita pastoral

Juntamente com as chamadas ou e-mails regulares, é difícil exagerar no valor da visita pastoral aos obreiros no exterior. Não me refiro a viagens de curta duração ou àquelas destinadas a elaborar projetos. Mas, sim, àquelas em que um pastor (ou presbítero) visita missionários com o único propósito de ver como eles estão trabalhando e encorajá-los espiritualmente. Presenciei o poder dessas visitas em primeira mão.

Certa vez, um presbítero de nossa igreja e eu visitamos uma família que trabalhava na Ásia Central. Recentemente, eles haviam sido expulsos

de um país onde haviam trabalhado durante anos. Estavam desmotivados. Nós, então, programamos passar alguns dias na nova cidade onde aquela família morava. Eles ainda estavam se instalando no novo apartamento. Os filhos, compreensivelmente, faziam muita bagunça. As refeições, na maioria das vezes, eram marcadas pelo caos das crianças. Não tínhamos como resolver sua situação. Nós só conversamos e oramos com eles à noite, lemos algumas passagens das Escrituras em voz alta e fizemos talvez duas longas caminhadas com o intuito de ouvi-los. Após três dias, fomos embora. Para ser sincero, nada disso pareceu ter ajudado. Contudo, conforme já observou um sábio pastor, nem sempre somos as pessoas mais indicadas para julgar o fruto de nosso trabalho.

Depois de alguns anos, essa família veio visitar os Estados Unidos, e o marido foi a uma das reuniões dos presbíteros da nossa igreja. Ele contou ao conselho de presbíteros como os últimos anos haviam sido difíceis: expulsão, reinstalação, entraves e oposição. Então, disse que ele e a esposa haviam tomado a decisão de desistir de missões e estavam discutindo o retorno para os Estados Unidos. Foi quando meu amigo presbítero e eu lhes fizemos uma visita. Para minha surpresa, ele disse que apesar do pouco tempo da nossa visita, Deus nos usou para lembrá-los da razão pela qual estavam fazendo aquele sacrifício e para restaurar a paixão deles em tornar o evangelho conhecido a qualquer preço. O presbítero e eu olhamos um para o outro com incredulidade. Deus, em sua bondade, usou nosso esforço insignificante para fazer mais do que imaginávamos.

Contudo, o melhor ainda estava por vir. Anos depois da reunião do conselho de presbíteros, a família de missionários voltou para o país do qual havia sido expulsa. Em parte por causa dos contínuos esforços deles, hoje há uma equipe de quase 24 missionários trabalhando naquele país.

Uma das passagens mais interessantes do livro de Atos é aquela em que Paulo, o precursor de missões por excelência, volta-se para o amigo Barnabé e diz: “Vamos voltar e visitar os irmãos em todas as cidades

onde anunciamos a Palavra do Senhor, para ver como estão” (At 15.36). Ele percebeu a relevância dos relacionamentos e a importância de conferir como os obreiros e as novas igrejas estavam indo.

Semelhantemente, as igrejas que enviam e apoiam missionários também devem estar dispostas a investir tempo e recursos para simplesmente “ver como eles estão”. Visitar os missionários para demonstrar amor, ouvir e encorajar por meio da Bíblia e da oração pode ser mais positivo do que você imagina. Eles precisam ser encorajados pelos pastores e revigorados pela palavra de Deus. Quando nós os valorizamos o suficiente a ponto de investir nosso tempo para fazer isso, o resultado é que inúmeras vidas podem ser impactadas por muitos anos.

Ajuda de curto prazo

Apoiar bem os obreiros é também ser sensível no que diz respeito a como e quando enviar equipes de curto prazo para trabalhar com eles. Tratarei desse tema no capítulo 6. Por enquanto, porém, é importante ressaltar que nem todas essas equipes realmente ajudam. Enviar pessoas em um momento inoportuno ou com habilidades não apropriadas, ou simplesmente enviar a pessoa errada, não ajuda seus obreiros de longo prazo. A melhor maneira de ter certeza de que o trabalho a curto prazo seja de fato útil, é enviar equipes solicitadas pelos obreiros no exterior. Deixe bem claro para seus missionários de tempo indeterminado que receber equipes por um curto período não é condição para seu apoio. Ao contrário, dê-lhes a liberdade de supervisionar quem deve ir, quando deve ir, e até se alguém deve ir ou não. Qualquer outra coisa provavelmente vai levar a projetos de curta duração que atendam os nossos próprios fins, mas às custas de consideráveis despesas para os obreiros que supostamente queremos ajudar.

Ofereça hospitalidade

Uma das melhores maneiras de cuidar dos missionários é literalmente fazer o que a Bíblia manda: ofereça hospitalidade a eles (3Jo 8). Gostaria que a aplicação da Bíblia fosse sempre assim tão objetiva. É importante ser hospitaleiro durante as breves visitas. Todavia, mais importante ainda é ser hospitaleiro durante os meses em que os missionários retornam, de vez em quando. No período daquelas visitas mais demoradas à terra natal, tenha em vista o que sua igreja pode fazer para oferecer alojamento gratuito àqueles obreiros que você apoia. Faça planejamento e orçamento para isso, e não se limite à hospedagem. Procure maneiras de ajudá-los a serem uma parte significativa da congregação. Queremos que nossos obreiros descansem, se renovem e se reúnam com amigos e presbíteros da igreja. Eles não conseguirão fazer isso se as preocupações financeiras os obrigarem a ficar longe — com parentes ou com outras igrejas mais empenhadas em dar-lhes o abrigo de que necessitam.

Providencie mais companheiros de equipe

Por fim, possivelmente o melhor presente que podemos dar aos obreiros que apoiamos é enviar-lhes mais obreiros. Grande parte dos missionários que conheço são profundamente gratos pelo nosso apoio financeiro. Quando a coisa é feita com sensibilidade, eles podem apreciar nossas breves visitas. Eles agradecem quando, durante suas visitas à terra natal, nós os hospedamos. Entretanto, acima de qualquer outra coisa, o que a maioria dos missionários mais deseja é ter irmãos e irmãs mais preparados, com ideias semelhantes às deles, para auxiliá-los no trabalho.

Encorajar com frequência a congregação a orar para que Deus envie alguns dos seus a se unirem a missionários específicos, sobretudo quando oramos por esses missionários, é uma forma de enviar mais obreiros. Além disso, podemos encorajar membros que estão pensando em missões a levar em conta primeiro o grupo de obreiros que já apoiamos. Se você confia em missionários o bastante para apoiá-los,

deve confiar neles o bastante para deixá-los recrutar membros da sua congregação. Quando o objetivo é a plantação de igrejas, as equipes missionárias, especialmente, precisam ser compostas por indivíduos com mentalidades semelhantes. O acréscimo de obreiros vindos da igreja que envia (ou de outra igreja amada e bem conhecida) é uma das melhores maneiras de alcançar essa harmonia na maneira de pensar e nos propósitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto sua igreja prover as necessidades materiais dos missionários, eles, em alguns aspectos, têm a obrigação de prestar contas à sua igreja, e você é responsável por eles. Essa é a essência da cooperação em favor da verdade, descrita em 3João 8. A mesma ideia é transmitida por meio de uma negativa em 2João 10, em que João nos diz para evitar aqueles que ensinam falsidades e acrescenta: “não o recebais em casa, nem o cumprimenteis”. Queremos avaliar cuidadosamente aqueles que vamos enviar. Queremos prepará-los bem, por meio de um trabalho produtivo e fiel. E queremos enviá-los, apoiá-los e amá-los quando estiverem distantes. É uma alegria e um privilégio participar de um trabalho como esse. É o trabalho da igreja saudável. Que tanto os enviados quanto aqueles que enviam possam abraçar esse relacionamento, para benefício uns dos outros, para a alegria das nações e para a magnífica glória de Deus.

PONDO A CASA EM ORDEM

Eu amei meu primeiro ano na faculdade, mas ele quase me matou. Eu era um estudante ansioso, para dizer o mínimo. Peguei 21 créditos em um semestre (uma carga completa normal era de quinze) e ingressei em mais clubes do que consigo lembrar. Eu estava em clubes políticos, clubes cristãos, clubes relacionados à matéria da minha graduação e clubes sociais. Eu não recusava nenhuma coisa boa. Ao final do semestre, apesar das minhas notas estarem boas, minha saúde não estava. Eu dormia mal e perdi peso. No verão, quando fui para casa, minha mãe deu uma olhada em mim, fez algumas perguntas para me sondar e, então, sabiamente, disse que não assinaria outro cheque para a faculdade, a não ser que eu reduzisse um terço da minha carga horária e saísse da metade dos clubes de que fazia parte.

Ela estava certa. O que tinha aparência de zelo, na verdade, era tolice juvenil com uma pitada de orgulho. Para mim, foi difícil aprender que sou um ser finito e limitado.

É bem provável que sua igreja precise aprender a mesma lição sobre missões globais. Como medida de seu amor pelas nações, muitas igrejas veem a extensão de seus compromissos com missões em vez de ver a profundidade. Eu vi muitos salões de igreja enfeitados com um mapa espetado com alfinetes em cada lugar onde a igreja sustentava um missionário. Pode ser que não haja nada de errado com isso, a não ser que a igreja presuma que ter mais alfinetes equivale a mais impacto em missões. Na verdade, geralmente isso significa o oposto: apoio escasso a

um grupo de missionários que mal é conhecido pela congregação. Mas e se invertêssemos esse cenário de cabeça pra baixo? E se uma igreja continuasse ofertando a mesma quantidade de dinheiro, mas, em vez de cinquenta alfinetes, houvesse somente cinco ou dez? Ou muitos alfinetes em uma grande igreja, mas em apenas três ou quatro lugares ao redor do mundo? Como isso pode mudar as coisas?

Mesmo uma congregação de tamanho mais modesto pode dar apoio financeiro significativo a alguns obreiros. E pense a respeito dos relacionamentos. Com trabalhadores em apenas alguns lugares, é possível providenciar apoio financeiro significativo, comunicação frequente, visitas pastorais, além de hospedá-los quando esses missionários retornam para casa durante uma licença. Na verdade, isso também permitiria que sua congregação aprendesse sobre os poucos lugares onde vocês estão engajados. Os membros não ficariam desconcertados com uma imensa lista de relacionamentos superficiais. Em vez disso, eles poderiam colocar seu foco em um ou dois lugares e conhecer de fato seus missionários e onde servem.

Do mesmo modo, eu conheci igrejas onde os compromissos com missões pareciam abranger qualquer atividade adequada imaginável. De orfanatos a educação, de estações de rádio a evangelismo com estudantes, eles se comprometiam com tudo de bom que entrava em seu caminho. Sem dúvida, tudo isso pode ser bom. Mas, em algum ponto, precisamos dizer não, ainda que seja para coisas boas. Nós temos de priorizar, focar e decidir o que é mais importante para nossa igreja.

Eu conheço em primeira mão o valor e a dificuldade desse tipo de foco. Há alguns anos, tive a duvidosa reputação de ser o “corta missionário” em minha própria congregação. Eu levei a igreja a enxugar nossa lista de apoio missionário de dezenas que nós mal conhecíamos para um punhado em quem esperávamos investir de modo mais profundo. Isso soa bem na teoria, mas a não ser que você tenha feito uma doce irmã em Cristo chorar enquanto explicava por que estava cortando o sustento dela, não entenderá o quanto isso foi difícil. Provavelmente, é por isso que muitas igrejas acumulam missionários,

mas nunca os avaliam e os removem por qualquer outra razão que não seja uma grande falha moral.

Assim, antes que alguém pense que somos cruéis, nós tratamos disso com muito cuidado. Contatamos todos os trabalhadores que apoiávamos e inspecionamos seu trabalho. Conversamos uns com os outros, como líderes, sobre quem manteríamos ou cortaríamos da nossa lista de amparo e, então, demos três anos aos nossos obreiros para se prepararem para o corte. Nós lhes comunicamos nossas intenções no primeiro ano, mantivemos completo apoio no segundo, reduzimos para metade no terceiro, e o eliminamos completamente no começo do quarto ano. Até mesmo fazer isso foi emocionalmente devastador para muitos. Mas precisou ser feito. Nós não poderíamos simplesmente focar em tantos lugares e projetos e fazer isso bem.

Como decidimos quem manter e quem cortar? Vários deles estavam fazendo coisas boas. Mas três princípios se destacaram quando olhamos pelas lentes da Bíblia. Em primeiro lugar, focamos nos trabalhos que visavam a plantar e/ou fortalecer igrejas locais. Em segundo, focamos nos trabalhos que estavam sendo bem feitos, do ponto de vista teológico e metodológico. Em terceiro, focamos nos trabalhos e obreiros com quem poderíamos ter relacionamentos significativos. Vamos considerar cada uma dessas ideias por vez.

FOCO NA IGREJA LOCAL

O trabalho mais estratégico a que podemos dar suporte geralmente é aquele que busca estabelecer igrejas locais saudáveis. Isso pode significar duas coisas. Pode significar evangelismo pioneiro e plantação de igrejas entre um grupo de pessoas que, em sua maioria, não foram alcançadas pelo evangelho. Também pode significar trabalhar para fortalecer igrejas locais em lugares onde essas igrejas já existem, mas são fracas, vulneráveis e com ensino escasso. Nós encontramos exemplos das duas coisas expostas como trabalho missionário estratégico em passagens da Bíblia.

Plantação pioneira de igrejas foi a paixão do apóstolo Paulo. Essa era sua paixão quando escreveu as palavras de Romanos 15.20,21:

Desse modo, torno minha ambição anunciar o evangelho, não onde Cristo já foi proclamado, para não edificar sobre fundamento alheio, mas como está escrito,

“Aqueles a quem não foi anunciado, o verão,
e os que não ouviram, entenderão.”

Esse trabalho continua sendo criticamente estratégico ainda hoje. Embora as estatísticas variem muito, a maioria concorda que apenas uma parcela mínima (talvez 20% ou menos) de missionários protestantes trabalha com a metade menos alcançada das pessoas no mundo. Os 80% restantes ou mais trabalham entre pessoas com expressivo acesso ao evangelho e igrejas cristãs estabelecidas.

Parece claro o que isso significa para seu próprio apoio missionário. Vamos supor que você tenha fundos para apoiar apenas um missionário e precise escolher entre dois, ambos sendo competentemente engajados em evangelismo e plantação de igrejas. Um está trabalhando entre um povo com centenas de igrejas e milhares de cristãos. O outro está trabalhando em uma nação altamente restritiva, com apenas alguns poucos cristãos e praticamente nenhuma igreja. Sendo todas as outras coisas iguais para os dois, você deveria, normalmente, apoiar o trabalho entre os não alcançados. Eu sei que há circunstâncias atenuantes e existem estratégias para atingir os não alcançados de um lugar onde o evangelho é mais conhecido. Ainda assim, geralmente, a inclinação geral do Novo Testamento parece ser em direção às igrejas que estão divulgando o evangelho “[à]queles a quem não foi anunciado”.

Esse trabalho de evangelismo deveria buscar estabelecer igrejas locais. É isso que vemos ao longo da Bíblia. É verdade que não há nenhum versículo na Bíblia que diga “vá e plante igrejas”. Mas sabemos que todos os cristãos devem se reunir em igrejas locais, “não abandonando a prática de estarmos juntos” (Hb 10.25). No livro de

Atos, em todo lugar que os missionários viam uma colheita de almas, uma igreja logo era congregada (At 14.1-23; 18.8; 19; 20). O propósito de missões é reunir igrejas que plantam outras igrejas.

Mas o trabalho pioneiro não é o único trabalho missionário que vemos sendo ordenado como estratégico na Escritura. No começo da carta a Tito, lemos estas palavras do apóstolo Paulo: “Foi por isso que te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem o que faltava, e que em cada cidade estabelecesses presbíteros, como já te orientei” (Tt 1.5). Pôr as igrejas em boa ordem, biblicamente falando, também era uma prioridade na agenda de Paulo, e provavelmente também deveria ser na nossa agenda. Enviar e apoiar trabalhadores que estão forçando recuo às fronteiras das trevas em uma comunidade não alcançada pelo evangelho pode ser excitante. Mas Paulo também demonstra que vale a pena designar alguns de nossos melhores obreiros para trabalhar no fortalecimento de igrejas existentes em locais onde o evangelho já é conhecido. De modo parecido, o apóstolo lembra a seu jovem companheiro de missões, Timóteo:

Conforme te pedi, quando partia para a Macedônia, permanece em Éfeso para advertires alguns de que não ensinem outra doutrina, nem se ocupem com fábulas ou genealogias intermináveis, pois produzem discussões em vez de favorecer o propósito de Deus que é pela fé (1Tm 1.3,4).

Além de ajudar igrejas a serem biblicamente estruturadas, Paulo quer estabelecer uma doutrina sã, robusta e bíblica, e proteger as novas igrejas contra o erro e o ensino espúrio. Ele está disposto a investir talvez seu associado mais valioso, não no trabalho pioneiro na Macedônia, mas no esforço contínuo de edificar igrejas saudáveis em Éfeso. Talvez nós, que amamos novas vistas e maiores velocidades, devamos guardar a instrução da Escritura sobre esse assunto atenciosamente.

Muitos de nós conseguem imaginar como deve ser o trabalho missionário pioneiro, mas fortalecer o trabalho contínuo da igreja pode ser mais difícil de retratar. Esse trabalho não significa encorajar missionários a segurarem as rédeas da liderança em uma igreja depois que líderes locais surgirem. Isso já acontece algumas vezes e o fruto geralmente é bem ruim. Em vez disso, esse trabalho significa ter o propósito de capacitar e equipar líderes para igrejas locais que estejam surgindo. Isso pode significar trabalhar pela saúde da igreja em comunidades onde as igrejas já estão há muito tempo estabelecidas, mas são mal cuidadas e fracas. Em um sentido mais formal e tradicional, isso pode significar ensinar em um seminário ou dar treinamento para plantadores de igrejas em uma igreja local. De modo mais informal, pode significar discipular e treinar líderes em uma casa missionária, em um país mais fechado para o evangelho. O ponto crucial aqui é que, mesmo após as igrejas serem organizadas, ainda haverá trabalho estratégico a ser feito por missionários externos. Não devemos deixar que nossa louvável paixão por encontrar a ovelha perdida em novos pastos nos faça cometer o erro de negligenciar rebanhos que já foram reunidos e comprados pelo precioso sangue de Cristo.

FOCO NO TRABALHO QUE ESTÁ SENDO BEM FEITO

Também devemos concentrar nosso apoio em obreiros que são excelentes, tanto em sua teologia quanto em sua prática. Não é raro igrejas e indivíduos parecerem hesitantes em avaliar profundamente a teologia e a qualidade dos obreiros que apoiam. Para mim, essa mentalidade é completamente errada. Se um missionário se ofende com o fato de você investigar os contornos de sua teologia, deve-se levantar uma gigantesca bandeira vermelha. Os missionários que conheci durante todos esses anos, em sua maioria, ficavam muito felizes de discutir suas posições teológicas. Inicialmente, você pode perguntar se eles afirmam as declarações teológicas de sua igreja. Tenha discernimento para determinar o quão diferente das crenças de sua

própria igreja pode ser aceitável. Um outro modo de investigar sua teologia é perguntar quais livros o influenciaram no ministério. É claro que visitar e conhecer missionários no nível pessoal é o melhor modo de descobrir no que eles acreditam.

Especificamente, é preciso avaliar um missionário ou candidato a missionário em relação a duas coisas: o evangelho e a igreja. Conheci missionários que, creio eu, amavam o evangelho, mas não conseguiam articular o evangelho de modo claro para salvar a própria vida, ou que não pareciam compreender a importância de conceitos como arrependimento ou a natureza trinitária do evangelho. Com frequência ainda maior, conheci pessoas enviadas com o título de plantador de igreja que ficavam travadas quando se deparavam com a pergunta: “O que é uma igreja e o que ela faz?”. Algumas simplesmente não sabiam; outras davam respostas impregnadas de preferências pessoais e desprovidas de Bíblia. Mas outras, com o tom amoroso de um homem que descreve sua mulher, iniciavam uma descrição das marcas essenciais de uma igreja e de sua função bíblica, de uma forma totalmente fundamentada nas Escrituras. Apoie esses missionários!

De modo parecido, é preciso avaliar a qualidade das práticas pessoais dos missionários, tanto em seu ministério quanto em qualquer outro trabalho que eles estejam fazendo em seu campo de atuação. Faça perguntas investigatórias. Se uma missionária ficar ofendida se você pedir uma descrição do que ela fez na semana passada ou no mês passado, considere isso um motivo de preocupação. Muitos missionários trabalham em contextos com pouca supervisão direta. A maior parte é fiel, mas, como seres humanos caídos, alguns não são. A disposição para atravessar os mares por amor ao evangelho não diz nada a respeito do caráter, competência ou ética de trabalho de alguém. Eles têm uma boa reputação com outros expatriados e nativos, até onde você consegue saber?

Essa preocupação também deve se estender a qualquer atividade secular em que eles estejam envolvidos. Se um missionário administra um negócio com o propósito de ter um visto em uma nação hostil ao

evangelho, pergunte a ele sobre esse negócio. Ele realmente está fazendo o que diz, ou está deliberadamente mentindo para o governo anfitrião? A causa do evangelho raramente se beneficia de missionários que mentem sobre seu trabalho a fim de abrirem caminho para a verdade. Essa área é um pouco nebulosa, mas, de modo geral, devemos exigir que nossos obreiros tenham compromisso com a integridade e a honestidade em todas as coisas. Como fazemos isso? No nível mais básico, fazemos isso dando dinheiro aos que parecem estar trabalhando com integridade e suspendendo o apoio aos que não estão.

Contudo, quando estiver avaliando os obreiros, tenha em mente o equilíbrio entre o tempo que eles dedicam à obra e o seu nível de apoio financeiro. Isso pode parecer carnal, mas você não pode dar algumas centenas de reais a um missionário e esperar que ele ou ela gaste tempo respondendo suas perguntas investigatórias. Isso nos leva de volta ao meu primeiro conselho sobre colocar o foco do seu apoio em alguns poucos relacionamentos. Se sua congregação oferta uma parcela expressiva das necessidades financeiras de um missionário, isso muda as coisas, não muda? Então, é razoável esperar que o missionário retribua o compromisso que sua igreja demonstrou com seu suporte financeiro. Uma vez que todos nós temos dinheiro limitado para passar adiante, queremos apoiar missionários que trabalham com excelência em todas as coisas.

FOCO NAS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE E EM QUEM CONFIA

Também queremos que os missionários que apoiamos sejam conhecidos não apenas pela liderança da igreja, mas também por toda a congregação. É extremamente fácil pastores e líderes se empolgarem com o apoio a um missionário que eles conhecem desde o seminário ou que conheceram em uma conferência. Esse pode ser um bom ponto de partida. Contudo, se queremos que nosso suporte a missões seja

congregacional, ele precisa envolver não apenas o dinheiro da igreja, mas também nossos relacionamentos.

Provavelmente, o melhor modo de fazer isso é hospedando seus missionários, particularmente durante visitas longas ao seu país de origem. Pode ser caro, mas o fruto disso nos relacionamentos não tem preço. Seus relacionamentos também serão fortalecidos à medida que você encontrar meios de enviar membros e, especialmente, líderes da igreja para passar tempo com seus missionários no exterior. Relacionamentos são cruciais.

Cuidado com o foco em rapidez, números e soluções milagrosas

Uma palavra de cautela se faz necessária ao analisarmos nossos esforços missionários. Quando avaliamos projetos, agências e obreiros na área de missões, precisamos perceber que, às vezes, nossa tendência natural de valorizar rapidez, grandes números e atalhos pode levar a resultados trágicos.

Eu visitei pessoalmente muitos países onde missionários bem-intencionados se tornaram tão obcecados por resultados rápidos e números, e tão despreocupados com o método, que novas igrejas foram consideradas plantadas e, então, abandonadas, de uma forma que lembrava mais abortos espirituais do que nascimentos. O desejo de encontrar atalhos fez com que o lento trabalho de paciente ensino bíblico fosse deixado de lado. Como era esperado, essas novas congregações caíram facilmente no falso ensino, se transformaram em seitas ou simplesmente se dissolveram. Uma década depois, as feridas ainda precisam ser curadas. O pior é que um número incontável de almas nesses lugares agora pensa que viu e experimentou o cristianismo, quando na verdade isso não aconteceu. Por causa disso, elas estão vacinadas contra o evangelho real e bíblico, mesmo que alguém mais fiel o compartilhe com elas. Que Deus nos perdoe.

O trabalho de missões é urgente, mas não deve ser realizado de forma apressada. Nós desejamos uma colheita, mas em nenhum lugar

Deus garantiu uma taxa de crescimento. Em vez disso, quando olhamos para a Bíblia, vemos uma contínua preocupação para que os missionários nunca abandonem a fidelidade diligente e paciente. Talvez em nenhum lugar isso seja mais evidente do que na ordem que Paulo dá a seu companheiro de batalhas e missionário plantador de igrejas, Timóteo. Paulo diz:

Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que julgará os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto: Pregue a palavra; esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija e encoraje — com toda a paciência e instrução cuidadosa (2Tm 4.1,2, NIV).

Essas palavras finais — “com toda paciência e instrução cuidadosa” — devem ressoar em nossos ouvidos enquanto avaliamos nossos esforços e nossas parcerias missionárias. Deus sabe que podemos ser tentados por um desejo de obter resultados visíveis e imediatos, gerando missionários impacientes, descuidados, impetuosos e superficiais.

O que teria acontecido se as igrejas do último século tivessem sido suficientemente sábias para retirar o apoio aos trabalhos que pareciam bons demais para serem verdade ou se tivessem ousado fazer mais perguntas investigativas sobre os números relatados? O que teria acontecido se as igrejas tivessem sido relacionalmente engajadas e gentilmente tivessem reconduzido trabalhos dispersos novamente ao caminho da indispensável fidelidade paciente? Nós não podemos mudar o passado, mas podemos fazer melhor daqui por diante, com a ajuda de Deus.

Métodos negligentes para plantação de igrejas não são o único perigo que temos de enfrentar. Nossa tendência natural de gostar de velocidade, quantidade e facilidade também pode nos levar a ignorar igrejas que já existem. Principalmente se seu impacto numérico for pequeno, podemos ser tentados a ignorar igrejas autóctones, considerando-as fracas, ou, para deixar de modo mais claro,

irrelevantes. Ainda assim, qual seria o impacto se, em vez de ignorá-las, nós nos envolvêssemos com elas, tanto para aprender com elas quanto para ajudá-las? Ainda que lhes faltem alguns desses métodos de multiplicação que estão na moda, será que elas não sabem algo que nós não conheçamos sobre sua cultura?

Quando aprendemos o valor de igrejas que já existem, o impacto pode ser profundo, duradouro e glorioso. Eu conheço um missionário em uma grande cidade no leste europeu habitada por milhões de trabalhadores muçulmanos estrangeiros vindos da Ásia Central. Ele se mudou para lá a fim de tentar alcançar, treinar e mobilizar muçulmanos convertidos. Ele os encoraja a voltar para seus países de origem para plantar igrejas que formem discípulos por toda a Ásia Central. Ainda assim, diferentemente de muitos missionários, ele não ignora as igrejas protestantes locais nessa cidade, embora elas tenham a reputação de suspeitar e desprezar seus vizinhos muçulmanos. Além de se empenhar pessoalmente para alcançar com o evangelho os muçulmanos imigrantes, ele também investiu em igrejas da cultura majoritária que já existiam. Ele construiu uma relação de confiança. Procurou cristãos nativos com maturidade no evangelho. E então, aos poucos, começou a fazer a ponte de ligação entre eles e os muçulmanos convertidos. Eles estavam maravilhados de conhecer ex-muçulmanos que abraçaram a verdade de Cristo com sinceridade e que estavam ansiosos por voltar para casa com essa mensagem. Então, com base nos anos de experiência evangelizando muçulmanos, ele começou a ajudar líderes de igrejas locais a desenvolverem estratégias para eles mesmos evangelizarem os muçulmanos.

Em uma visita recente a esse amigo, sentamos na saleta de seu apartamento construído durante a era soviética. Enquanto eu tomava chá e observava as massas se deslocarem pelo parque ali embaixo, perguntei a ele sobre perspectivas para o futuro. A situação para os estrangeiros estava cada vez mais complicada. A possibilidade de ser expulso pelo governo estava crescendo. Meu amigo e sua esposa estavam sofrendo com a ideia de que poderiam ter de deixar a cidade e

as pessoas que amavam. Mas, então, segurando sua xícara de chá, ele levantou os olhos e me disse, com uma confiança inabalável, que já era tarde demais. Mesmo que o governo os deportasse, seu ministério e paixão por alcançar os imigrantes muçulmanos já havia se espalhado por meia dúzia das igrejas locais e estava avançando cada vez mais. Poucos meses antes, algumas dessas igrejas, por iniciativa própria, foram anfitriãs de um encontro para encorajar e treinar outras igrejas na evangelização de muçulmanos. A faísca havia prosperado. Tentar apagar esse fogo já não resultaria em nada.

Eu me peguei pensando sobre como as coisas poderiam ter sido diferentes se esse casal tivesse decidido fazer tudo sozinho. O que teria acontecido se eles pensassem que suas metodologias ocidentais eram superiores às igrejas locais existentes e as ignorassem completamente? E se eles estivessem tão empenhados em plantar novas igrejas rapidamente, que comesçassem a achar que não tinham nenhuma necessidade das igrejas que vinham pregando o evangelho durante gerações nessa cultura? Felizmente, eles não cometeram esses erros. Por causa disso, minha expectativa é que o impacto deles perdure entre essas outras igrejas até que Cristo volte.

Associe-se àqueles que buscam ser fiéis

Qual o significado disso quando procuramos decidir quem apoiar? Significa que devemos priorizar os esforços que focam na igreja local, seja pela plantação ou pela revitalização de igrejas. Embora, certamente, haja outras boas obras as quais podemos apoiar como indivíduos e como igrejas, essas duas categorias parecem ser a norma da Escritura e o foco de missões durante a maior parte dos 2.000 anos passados. Ambas merecem que designemos as melhores pessoas para elas, assim como o apóstolo Paulo fez.

Mais uma vez, isso provavelmente significa ter de fazer perguntas desconcertantes aos missionários e organizações. Pergunte quais são os seus planos para ver igrejas locais plantadas. Alguns grupos têm uma

ideia de ver todo um movimento estabelecido no qual centenas de igrejas plantam milhares de igrejas, como em uma rápida reação em cadeia. Isso pode ser algo maravilhoso para se esperar e orar. Mas pergunte a esses grupos como eles planejam ver as primeiras igrejas sendo plantadas e como esperam treinar líderes e estabelecer uma doutrina robusta. As respostas para essas perguntas são muito mais importantes do que o alcance da visão deles. Do mesmo modo, outros podem falar mais sobre novos métodos infalíveis do que sobre a Bíblia. Novos métodos são ótimos (se eles se adequam à Bíblia), mas se qualquer trabalhador ou organização os vende como uma nova “chave” para liberar as nações para Cristo, pegue sua carteira e fuja.

Se veremos grandes coisas acontecendo em nosso tempo ou não, isso está sob o controle de Deus. Todos nós somos chamados para sermos fiéis em tempos frutíferos e em tempos escassos. O sucesso está nas mãos de Deus. Isso significa que devemos apoiar missionários e organizações que entendem os mandamentos bíblicos sobre uma perseverança inadiavelmente fiel. Não se distraia com grandes promessas de atalhos fáceis e rápidos. Planos rápidos para “chegar lá” são sempre atraentes, mas dificilmente substituem o trabalho duro e a fidelidade.

Não é apenas para o nosso bem que devemos ser cuidadosos, mas também pelo bem das almas dos missionários que apoiamos. Como o antigo pastor britânico Charles Bridges observou: “A semente pode repousar sob a terra até que nós também repousemos ali, mas, então, ela brotará.”¹ Em outras palavras, o bom evangelho nem sempre trabalha fornecendo resultados visíveis imediatos. Algumas vezes, podemos nem viver para ver a colheita. Essa é uma realidade dura para qualquer um aceitar. Os missionários não são diferentes. Muitos têm sido tentados a infringir o ensino bíblico ou mesmo mudar a própria mensagem do evangelho para produzir a aparência de resultados, quando, na verdade, o sucesso real é lento.

Nós, como seus apoiadores, deveríamos ajudá-los com isso, em vez de sermos obstáculos. Jamais devemos fazer o trabalho de Satanás,

tentando-os a pecar ao pressioná-los em direção à infidelidade. Mas fazemos isso quando condicionamos nosso apoio à apresentação de resultados numéricos. Se, sutilmente, transmitirmos o desejo de ter um certo número de batismos, como alguns tem feito, podemos estar involuntariamente assumindo o papel de Pedro em Mateus 16.23. Ali, nosso Senhor o repreende, dizendo: “Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens”. Deixe que o Diabo faça seu próprio trabalho. Nós não precisamos ajudá-lo.

1 Charles Bridges, *The Christian ministry* (London: Banner of Truth, 1958), p. 75.

PARCERIAS SAUDÁVEIS

Se você perguntar a vários missionários sobre parcerias com igrejas, provavelmente ouvirá histórias extremamente diferentes.¹ Alguns deles falarão a respeito de igrejas autoritárias, que pensavam que eles tinham todas as respostas e, por isso, nunca paravam de fazer perguntas ou querer descobrir algo, ou então sobre e-mails intermináveis e conferências no Skype, que tentavam chegar a um denominador comum, mas no fim só geravam frustração. Outros missionários abrirão um sorriso enorme ao falarem sobre igrejas que realmente os conheceram e respeitaram, demonstrando apenas desejo de servi-los. Ouça atentamente um missionário falando sobre um bom relacionamento com uma igreja apoiadora e eu aposto que você poderá sentir o aroma da humildade, com generosas notas de confiança.

CONFIANÇA E HUMILDADE: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA

Confiança e humildade caminham juntas. Onde há confiança, é mais fácil agir em humildade. E a humildade, por sua vez, geralmente se manifestará em confiança. Confiança é o solo no qual a humildade cresce melhor. Mas, no início, edificar bons relacionamentos pode não se parecer com um esforço especialmente humilde.

O melhor modo de edificar parcerias marcadas pela humildade é ser implacavelmente seletivo sobre a quem você se associará. Em uma parceria sem um nível razoável de confiança, uma parte não pode transferir responsabilidades à outra seriamente. Você não pode se

submeter em humildade pois, sem confiança, a submissão voluntária é simplesmente irresponsável. Se você crê que um missionário está fazendo um trabalho ruim ou tendo uma conduta pouco sábia, por que você lhe confiaria fundos e pessoas, se ele faria mau uso desses recursos e trataria mal as pessoas?

Colocando de maneira simples, quando você pensa em estabelecer uma parceria de longo prazo com um missionário, seja uma pessoa a quem você enviou ou adotou, uma das primeiras perguntas a fazer é: “Eu realmente confio nessa pessoa?”. Você concorda plenamente com sua teologia sobre o evangelho e a natureza da obra da igreja? Ele demonstra discernimento e integridade e, de fato, tem uma boa reputação nessa área? Se ele morasse em sua cidade, você gostaria que ele fosse um líder ou um presbítero em sua igreja?

Algumas pessoas não se sentem à vontade para fazer perguntas dessa natureza. Pode parecer exigente ou arrogante avaliar um missionário de modo tão rigoroso. Mas a alternativa a isso é muito pior: um relacionamento marcado por suspeitas, desentendimentos e objetivos diferentes. Ninguém merece isso.

SEIS CARACTERÍSTICAS DE UMA PARCERIA SAUDÁVEL

Quero apresentar seis características para parcerias com cooperadores estrangeiros no evangelismo global. Mas antes de apresentá-las, permita-me esclarecer o que são essas características e o que elas não são. Elas não são diretamente ordenadas pela Escritura. Ainda assim, não são apenas observações ou as melhores práticas sobre o que parece fazer as parcerias funcionarem. Em vez disso, essas ideias decorrem das prioridades bíblicas para as igrejas e para a plantação de igrejas. Essas prioridades gerais incluem a importância da humildade (Fp 2.1-11; 1Pe 5.5), a criação e a formação do povo de Deus por sua Palavra (Ez 37.1-14; Mt 4.4; 2Tm 4.1-3), a beleza da cooperação entre diferentes igrejas a favor do trabalho do evangelho (3Jo) e a “aprovação” do evangelho em relação ao compromisso de amor com missionários específicos (Fp 4.10-

20). Minha esperança é que a reflexão sobre essas várias prioridades ajude as igrejas a considerar com mais cuidado o modo de se envolverem, em humildade, com o trabalho global do evangelho.

1. Mentalidade de servo

Toda parceria começa com as motivações que você leva à mesa de negociação. Você quer servir missionários no exterior ou ser servido por eles? Não trate essa pergunta como se fosse algo sem importância — pense sobre isso honestamente. Muitas igrejas parecem ver as parcerias missionárias como um modo de reforçar seu próprio “programa de missões”, em vez de enxergar essas parcerias como um meio de servir a Cristo ao servir os missionários.

Reforçar a sua própria imagem não condiz com o que um cristão deve fazer. A Bíblia é clara sobre o fato de que o povo redimido de Deus deveria ser conhecido sempre pela humildade. Como é irônico trabalhar em outra cultura para trazer glória a Cristo ao mesmo tempo que se faz isso cheio de egoísmo ou orgulho. Em vez disso, deveríamos aspirar pela humildade em nossas parcerias internacionais, pois precisamos desesperadamente da graça. Nisso, assim como em todas as coisas, “Deus se opõe ao orgulhoso, mas dá graça ao humilde” (1Pe 5.5).

Uma postura condizente com a mentalidade de servo é especialmente importante para as igrejas que desfrutaram certo crescimento numérico em sua sede. Não é difícil que mesmo o bom senso ou a gratidão e a confiança se transformem na presunção orgulhosa de que você sabe o que é melhor em outra cultura. Observei conversas absurdas nas quais o líder da igreja, o qual não sabia quase nada da língua ou dos costumes da outra cultura, tentava “assumir o comando”, com o propósito de “ajudar” um obreiro estrangeiro a “evangelizar melhor” ou a “fazer com que a igreja crescesse”. Esse conselho estava fundamentado no pragmatismo, pautado por ideias consumistas que não são bíblicas, mas, centradas no homem; seja qual for a cultura. Mas mesmo quando o conselho era genuinamente sábio e

bíblico, o fato de ser empurrado goela abaixo, sem nenhuma sensibilidade, ou rápido demais, acabava com qualquer interesse do missionário em segui-lo.

De qualquer modo, é mais adequado que sua igreja encontre pessoas no campo em cujo julgamento e teologia você já confia e, então, submeter-se a elas. Quando for realizar parcerias (especialmente com o foco em plantação de igreja), você não deve assumir que concorda teologicamente com tudo, mas honestamente discutir questões como evangelismo, eclesiologia, soteriologia etc., *antes* de ingressar nessa parceria. O fato de tanto uma parte quanto a outra chamarem a si mesmas de “evangélica” ou pertencerem à mesma denominação pode não ser suficiente.

Então, na prática, quais são as características de uma parceria humilde e com a mentalidade própria de um servo? Bem, ela é caracterizada por um desejo de realizar o “ministério que houver para ser feito”. Estar disposto a fazer *qualquer coisa* que os obreiros de campo ou líderes missionários considerem útil é o ponto certo para começar. Isso significa perguntar: “O que podemos fazer para servir você e nos tornarmos seus cooperadores? Nada é grande ou pequeno demais para ser feito”.

A disposição para começar com pouco e ser fiel em uma cooperação que vai se aprofundando cada vez mais é extremamente importante para construir confiança. Alguns obreiros estrangeiros passam anos aprendendo uma língua e se envolvendo com uma cultura, e depois recebem equipes imprudentes, que vêm dos Estados Unidos para ficar um curto período e destroem anos de trabalho. O medo deles é justificado.

Mas, à medida que uma igreja demonstra disposição para ajudar obreiros no exterior, mesmo que de maneira simples e nos bastidores — como cuidar dos filhos enquanto os pais participam de encontros de treinamento —, ela conquista a confiança desses obreiros, assim como a

oportunidade de propor, gentilmente, uma mudança bíblicamente fundamentada.

2. Liderança pastoral

Liderança não começa com a paixão do próprio pastor por missões. Isso é ótimo, mas insuficiente. Liderança começa com o pastor pregando regularmente por toda a Escritura, revelando as implicações do evangelho, domingo após domingo. Deus é um Deus missionário. Ele tem paixão pelas nações e a Escritura está repleta dessa paixão. Dos livros de Moisés, passando pelos históricos, pelos Profetas e continuando pelos Evangelhos e as Epístolas, a paixão de Deus em chamar adoradores de todas as línguas, tribos, povos e nações é fundamental (veja Gn 12.2,3; Is 19.19-25; ou Ap 7.9,10; só para citar alguns exemplos).

Congregações onde os pastores pregam a rica mensagem bíblica regularmente começarão a ter sua visão de mundo moldada por ela. Essas igrejas aprenderão que o evangelho é mais do que apenas edificar “sua” igreja. É mais do que sua própria cultura ou país. O evangelho é para todos os povos, não importa de onde sejam. O entendimento acerca da urgência da tarefa — “Como ouvirão a menos que alguém seja enviado?” — e da grandeza e retidão de Deus irá fornecer o combustível para uma paixão que afetará toda a congregação. De fato, pregar assim é a coisa mais fundamental que um pastor pode fazer para liderar sua congregação a respeito de missões.

Um pastor pode fazer mais do que pregar; ele também pode, do púlpito, orar regularmente pela obra do evangelho no exterior. Isso orienta os corações das pessoas à medida que elas escutam que o reino de Deus engloba mais do que apenas o “nosso grupo”. Isso expõe as mentes dos membros da congregação ao grande plano global de Deus. A cada domingo, essa oração os faz lembrar de que Jesus é o Senhor dos povos de Tobago, do Uzbequistão e do Butão, assim como ele é Senhor em sua própria cidade.

Certa vez, John Stott, um renomado pastor britânico, visitou uma igreja em uma aldeia inglesa. Ao ouvir o conteúdo da oração pastoral, que nunca ultrapassava os interesses da comunidade local, ele a resumiu assim: “Eu fui embora entristecido, com a sensação de que essa igreja adorava um pequeno deus tribal segundo o seu próprio desejo. Não havia reconhecimento das necessidades do mundo e nenhuma tentativa de acolher o mundo em oração”.² A oração pública que abraça a causa global de Cristo é um dos melhores antídotos para esse provincianismo que diminui Deus. Mais do que você possa imaginar, esse tipo de oração pode fazer muito para contribuir com o crescimento dos corações de uma congregação.

Finalmente, um pastor que fielmente molda as paixões de sua congregação pela Palavra pode demonstrar como direcionar essas paixões indo ele mesmo ao campo, para dar suporte à obra de missões. Ele não deve ir sozinho, mas levar consigo alguns dos líderes principais. Quando um pastor demonstra a importância da obra transcultural do evangelho por meio da dedicação de seu próprio tempo, o impacto dessa atitude na congregação pode ser imenso.

O envolvimento atual de nossa própria congregação com parceiros na Ásia Central pode ser associado, em parte, a uma viagem que nosso pastor sênior fez à Turquia, em 2000, para falar em um encontro de obreiros missionários. Esse exemplo pastoral impulsionou uma parceria que tem se tornado um dos envolvimento principais de nossa congregação.

3. Fundamentada em relacionamentos

Parcerias não deveriam se fundamentar em projetos, mas em relacionamentos pessoais. Não poucas vezes, somos tentados a pensar que precisamos ter nossos dedos em diversos lugares ao redor do mundo para que a Grande Comissão seja cumprida fielmente. Mas manter contato frequente com muitos obreiros, em lugares diferentes, geralmente resulta em relacionamentos superficiais e ineficazes.

Como vimos no início do capítulo 4, na maior parte das vezes, as igrejas fariam melhor em selecionar apenas alguns poucos obreiros e aprofundar seu relacionamento com eles em seu trabalho. Esse tipo de foco exige uma humilde confissão de que ainda que Deus seja infinito, você e sua congregação não são. Isso também exige a disciplina de resistir à tentação de sobrecarregar sua congregação com envolvimento superficiais e sentimentais a cada vez que você ouvir sobre uma nova oportunidade. Quando há persistência nesse tipo de disciplina e foco, os resultados para o reino podem ser surpreendentes.

Mais uma vez, ao avaliar em quem investir, três princípios demonstraram-se úteis para nossa igreja. Tentamos nos associar a obreiros que são:

- *Excelentes em seu trabalho.* Queremos nos associar a obreiros que parecem fazer bem o seu trabalho e que são biblicamente conscientes sobre como realizá-lo.
- *Estratégicos em seu foco.* Queremos nos associar a obreiros que trabalham em lugares onde há pouca luz do evangelho ou onde seu trabalho visa a fortalecer igrejas locais.
- *Conhecidos pela congregação.* Queremos nos associar a obreiros que não são conhecidos apenas da liderança da igreja, mas também de toda a congregação (ou, pelo menos, desejam tornar o seu trabalho conhecido por ela).

Se você se associar a obreiros de fora da sua congregação, deveria, desde o início, pensar sobre o nível de relacionamento deles com a sua congregação. Isso pode significar viajar para visitá-los no campo antes de se associar a eles oficialmente. Se possível, eles devem passar bastante tempo vivendo entre seus membros. Não estou falando sobre um final de semana prolongado, mas sobre meses. Convidar obreiros a passar toda a sua estadia no país natal com sua congregação e providenciar-lhes hospedagem gratuita é um ótimo modo de fazer isso.

Em nossa igreja, costumamos não nos associar oficialmente com obreiros até que sejamos capazes de passar bastante tempo com eles, gerando um relacionamento entre eles e a congregação. De início, isso pode fazer com que as coisas caminhem devagar, mas o fruto a longo prazo na vida de todos faz valer a pena.

4. Centrada em um compromisso

Sua igreja deveria estar disposta a se comprometer seriamente com obreiros com os quais você se associa. Com frequência, os obreiros falam de igrejas que são bem-intencionadas, mas acabam sendo parceiras apenas em tempos bons ou perdem interesse na parceria quando as situações no campo limitam o seu envolvimento em viagens ou projetos de curto prazo. Em vez disso, considere comprometer-se a servir uma equipe de obreiros em qualquer modo que eles considerarem útil. Mostre-se disposto a realizar viagens, caso eles considerem isso útil. Mostre a mesma boa disposição de *não* ir, se não for um bom momento.

Ser centrado em um compromisso também significa trabalhar a longo prazo, pelo tempo que durar. Seja em anos bons ou maus. Seja sua parceria encorajadora ou árdua.

Por fim, esse compromisso deveria se manifestar em um desejo de celebrar a fidelidade bíblica cuidadosa, mesmo que o fruto tarde a vir. Ao fazer isso, você pode ajudar os obreiros com quem se associou a resistirem ao chamado sedutor dos resultados visíveis imediatistas que fizeram com que muitos obreiros se apressassem e, assim, distorcessem o evangelho, ao buscar o “sucesso” rápido. Seu compromisso com a fidelidade pode ajudar seus obreiros associados a perseverarem na proclamação da simples mensagem do evangelho, mesmo quando os resultados não são aparentes.

5. Envolvendo toda a congregação

Não deveria ser surpresa que uma parceria saudável com a igreja geralmente pressupõe que toda a congregação, e não apenas alguns líderes, assume essa parceria de fato. Quando o membro comum da igreja entende algo sobre o foco e a direção da parceria da igreja, a base para um relacionamento frutífero já está lançada. Isso pode ser estimulado mantendo-se toda a congregação constantemente informada sobre seu envolvimento internacional. Em minha própria igreja, isso é feito por meio de um breve relatório durante as reuniões de membros e por meio de assíduas orações por missões, nas noites de domingo.

Para chegar a esse ponto, nossa congregação teve de ensinar que a preocupação ativa por missões é algo normal da vida cristã, e não um complemento opcional. Nós também acabamos com os comitês especiais de missões e passamos a supervisão de nossos empreendimentos missionários para os presbíteros da igreja. Isso ajudou os membros a perceber que missões são uma parte essencial do ministério da igreja, e não uma dentre as várias opções de ministérios junto às periferias, para certo tipo de pessoa que está “interessada nesse tipo de coisa”.

Também é importante envolver a congregação nas orações por missões. Em nossa igreja, escutamos uma breve atualização de um ou dois minutos a respeito de um obreiro que apoiamos (dentre os vinte, no total), a cada noite de domingo, e depois oramos por ele ou por ela. Também imprimo os nomes e os detalhes gerais dos nossos obreiros assistidos em um diretório de oração dado a cada membro de nossa igreja. Dentro dos limites impostos por questões de segurança, colocamos seus nomes e os locais de nossos obreiros à vista de todos os membros, e não apenas de um “clube de missões”.

6. Foco no longo prazo

Enfim, o foco das parcerias mais frutíferas e humildes estará quase que certamente fixado no longo prazo. Com isso, quero dizer que sua igreja deveria trabalhar para manter obreiros (oriundos de sua própria

congregação) no exterior a longo prazo. No início de uma parceria, por que não articular o objetivo explícito de desarraigar alguns de seus próprios membros e fincar suas raízes a longo prazo em outra cultura, pela causa do evangelho? Mais que isso, se possível, por que não incluir o objetivo de criar uma equipe missionária completa, composta de membros de sua igreja ou em parceria com outra igreja que tenha a mesma mentalidade? Ter uma equipe que esteja na mesma sintonia teológica logo de início não irá resolver todos os problemas, mas certamente evitará vários.

Ser focado no longo prazo também significa fazer viagens de curta duração com a mentalidade de longo prazo. Em vez de apenas prover “experiências missionárias”, pense sobre viagens que possam sustentar o trabalho de equipes de longo prazo já existentes, com as quais você esteja comprometido. Veja seu trabalho a curto prazo principalmente como um modo de sustentar suas parcerias por um período maior em qualquer necessidade que surgir e, secundariamente, como um meio de motivar seus próprios membros a aderirem ao trabalho a longo prazo. Geralmente, os obreiros no campo missionário precisam mais de gente que esteja sempre a postos no terreno — faça chuva ou faça sol — do que de amigos apenas passando por ali.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas seis qualidades ajudarão muito a fazer com que suas parcerias glorifiquem mais a Deus e, falando com todas as letras, que sejam mais frutíferas para todos. Em algum ponto, você pode precisar de mais clareza e de mais concordância a respeito de alguns papéis e responsabilidades específicos. No momento em que estiver pondo tudo por escrito, é melhor tratar uma parceria mais como uma adoção ou casamento do que como um contrato ou aquisição corporativa. Haverá tempo para os documentos escritos, mas o ponto de partida para as parcerias missionárias consiste nos relacionamentos, na humildade e na confiança.

Realizar parcerias de uma forma que agrada a Deus não é importante apenas quando se lida com missionários individuais ou obreiros autóctones, mas também com as organizações paraeclesiásticas. Devemos fazer o máximo possível para conhecer as pessoas que estão supervisionando diretamente nossos membros ou aqueles com quem nos associamos. Muitos desses princípios de relacionamento, de confiança e compromisso se aplicam a elas também.

Considerar o amor e o respeito mútuo como alicerce das parcerias missionárias é uma ideia não só prudente, mas também bíblica. Na carta de Paulo aos filipenses, temos maravilhosos vislumbres de uma saudável associação missionária a longo prazo que foi fundamentada na confiança e no relacionamento: “Pois Deus é minha testemunha da saudade que tenho de todos vós, com a afeição de Cristo Jesus” (1.8). Aquele era um vínculo caracterizado pelo compromisso a longo prazo: “pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora” (1.5). A carta de Paulo transborda de amor, cuidado mútuo e apoio de longo prazo com compromisso. Esse é um objetivo nobre que devemos procurar atingir em nossas parcerias missionárias. Assim como Paulo e os filipenses, queremos recordar os anos de parceria e dizer com alegria e confiança: “Ao nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém” (4.20).

¹ Este capítulo é parcialmente adaptado de um artigo já publicado por 9Marks: Andy Johnson, “Missions partnerships from the home church’s perspective”, *9Marks*, February 26, 2010. Disponível em: <https://9marks.org/article/missions-partnerships-home-churchs-perspective>.

² Bill Turpie, org., *Ten great preachers: messages and interviews* (Grand Rapids: Baker, 2000), p. 117.

REFORMANDO AS MISSÕES DE CURTO PRAZO

Em fevereiro de 1812, Adoniram Judson deixou casa e família e embarcou em um navio para a Índia, pela causa do evangelho. Antes de sua partida, ele vendeu a maior parte de seus bens e disse, com os olhos cheios de lágrimas, adeus à família e aos amigos. Ele não retornaria aos Estados Unidos por pelo menos 30 anos, e mesmo depois desse tempo, seria apenas uma curta visita. Ele morreu na Índia em 1850, depois de 37 anos de serviço missionário, a maior parte na Birmânia, hoje Myanmar. Experiências como a de Judson eram bastante comuns entre os missionários de sua geração.

Dois séculos depois, em fevereiro de 2012, Tony também se dirigia à Índia pela causa do evangelho. Mas, ao contrário de Judson, ele não vendeu nada (além de alguns bolinhos em um evento para arrecadação de fundos). Ele não chorou ao dizer adeus à família e aos amigos. Ele nem mesmo passou 30 anos fora, antes de voltar para casa. De fato, ao embarcar no avião para a Índia, ele já tinha a passagem para voltar para casa dali a duas semanas. Nesse aspecto, Tony, assim como Judson antes dele, também era o missionário típico de sua geração.

O surgimento das viagens missionárias internacionais de curto prazo provavelmente contribuiu mais do que qualquer outra coisa para mudar o panorama das missões mundiais. Nosso personagem fictício, Tony, representa essa mudança. Estima-se que haja mais de um milhão de norte-americanos participando de viagens missionárias de curto prazo a

cada ano, um aumento significativo em relação aos cerca de 25 mil envolvidos em 1980. Nesse mesmo período, o número de missionários de longo prazo originários da América do Norte apenas cresceu um pouco, se muito.¹ Essa tendência também se mantém em outros países.

O que nós devemos fazer com essa mudança maciça de recursos? É uma coisa boa ou ruim? Como nossas igrejas podem responder adequadamente a esse movimento? E, mais importante ainda, o que a Bíblia nos diz sobre missões de curto prazo e o lugar de Deus para elas nas missões globais da igreja?

PAULO FEZ VIAGENS MISSIONÁRIAS DE CURTO PRAZO?

Mack e Leeann Stiles iniciam seu excelente livro, *Mack and Leeann's guide to short-term missions* [O guia de Mack e Leeann para missões de curto prazo],² examinando breves exemplos de missões de curto prazo na Bíblia. Eles traçam a rota e descrição da primeira viagem missionária de Paulo e observam alguns pontos interessantes. Primeiro, Paulo raramente ficava em uma mesma cidade por vários meses. Depois, toda a viagem levava apenas um ano e meio, antes que ele voltasse para casa, onde ficava a igreja que o tinha enviado, em Antioquia. Alguém poderia argumentar, com razão, que a primeira viagem de Paulo, na verdade, foi apenas uma série de viagens missionárias de curto prazo. Isso é uma observação útil para qualquer um tentado a renegar prematuramente o trabalho de curto prazo.

Contudo, é preciso ter em mente, também, algumas especificidades. Por um lado, Paulo parece nunca ter precisado aprender uma nova língua para comunicar o evangelho nos lugares que visitou. A onipresença do grego por todo o mundo Mediterrâneo fez com que isso se tornasse desnecessário. Por outro, com poucas exceções, suas viagens de curto prazo não parecem ter sido intencionalmente curtas, o que significa que praticamente sempre que ele teve de partir, foi por causa de rejeição ou oposição, e não por causa de uma estratégia intencional de curto prazo. Não é possível saber o quanto mais ele teria permanecido

nesses lugares, em circunstâncias diferentes. Ainda assim, há algumas vezes em que ele parece ter planejado ficar em algum lugar apenas por um período curto (At 20.1,2). A maior parte dessas viagens, porém, constitui-se de visitas a congregações de cristãos que já existiam (At 20.5-7), e não de esforços para estabelecer novas igrejas. Viagens de curta duração não são antibíblicas, mas também não são sustentadas pela Escritura como o melhor método para espalhar o evangelho e plantar novas igrejas. Além disso, historicamente, esse não foi o método mais comum, pelo menos até recentemente.

Sem uma direção bíblica explícita sobre esse assunto, precisamos pensar sobre isso cuidadosamente e confiar na sabedoria e no conjunto das narrativas da Escritura. Quando fazemos isso, várias preocupações ligadas a missões de curta duração (pelo menos como ocorre nas igrejas norte-americanas que enviam missionários) são reveladas. Para ser mais claro, não estou sugerindo que você abandone todas as viagens de curta duração por causa do que foi dito aqui. Em vez disso, se desejamos que os esforços de curta duração sejam verdadeiramente úteis, precisamos considerar essas questões com seriedade e descobrir como podemos atenuá-las.

QUESTÕES SOBRE VIAGENS DE CURTA DURAÇÃO

Um dos problemas que se verificam em muitas viagens de curta duração é definir como as planejamos e as promovemos. Não poucas vezes, as igrejas promovem viagens de curta duração falando de como é bom “ter uma experiência missionária” ou da oportunidade de “fazer a diferença no mundo”. Os que já tiveram essa experiência, contam aos possíveis futuros participantes como a viagem os impactou positivamente ou como revolucionou sua fé. Não duvido que isso tenha acontecido, mas, em geral, parece que o foco de nossas viagens de curta duração está mais em nós mesmos e em nossas experiências do que em encorajar a obra do evangelho e glorificar a Deus. Esse equívoco não é uma questão de pouca importância. Diz-se frequentemente que “*com o que nós*

ganhamos as pessoas é *para* o que nós as ganhamos”. Se promovermos missões de curta duração baseadas nos benefícios que podem trazer para nós, corremos o risco de transformá-las em uma empreitada egoísta.

Ironicamente, os missionários de longo prazo que estamos supostamente querendo ajudar é que acabam pagando o preço por esse modo de pensar equivocado. Se viajamos motivados pelo que a viagem pode fazer por nós, ainda que o que desejamos seja bom (como crescimento espiritual), é como se estivéssemos esperando que os obreiros locais estejam lá para nos garantir a experiência que desejamos. O resultado final é que muitos missionários temem as visitas de curta duração e veem a hospedagem desses visitantes como um mal necessário, a fim de manter o relacionamento com as igrejas que os enviaram. Isso é tanto trágico quanto desnecessário.

Em outras vezes, o trabalho de curto prazo está totalmente desconectado dos missionários ou do trabalho de longo prazo. Isso cria os seus próprios problemas. Nesses casos, o trabalho de curto prazo pode tomar um caráter de “dar uma passada”, à medida que as equipes passam por uma cidade para compartilhar sua mensagem, talvez por meio de um teatro ou de música, mas sem um meio de avaliar as respostas ao evangelho ou de conectar as pessoas interessadas a cristãos ou igrejas locais. Isso pressupõe, é claro, que haja uma intenção de proclamar o evangelho associada a viagem. Parece que um número crescente de viagens norte-americanas de curta duração não tem como objetivo proclamar o evangelho. Várias pessoas entendem missões como fazer coisas boas, talvez em nome de Cristo, mas sem conectar seu ministério com a proclamação do evangelho. Ou talvez sirvam a uma congregação local de tal modo que se tornam inutilmente dependentes. Todas essas coisas são problemáticas, cada uma à sua maneira.

Some-se a isso o fato de que a maior parte dos missionários de curto prazo não tem o domínio do idioma ou as habilidades culturais para nem sequer rivalizar em efetividade com o missionário de longo prazo. Em regiões mais hostis ao evangelho, essa falta de entendimento cultural

pode significar que os missionários de curto prazo acabarão dizendo e fazendo coisas que, na verdade, ferem a obra dos missionários e cristãos locais. Eles podem fazer a verdadeira obra do evangelho recuar, ao encorajar “decisões” desinformadas do evangelho entre os locais.

Uma mulher hindu, por exemplo, pode se alegrar em levantar a mão e orar a Cristo como Salvador. Os missionários de curto prazo, em sua ingenuidade, voltarão para casa e falarão sobre as “decisões por Jesus”, sem perceber que aquela mulher estava apenas adicionando mais um deus à vasta coleção de deidades que ela adora. Mas o problema é ainda pior que isso, pois, se mais tarde um cristão tentar explicar a ela o evangelho de modo mais preciso, é mais provável que ela o ignore pensando: “Eu já estou na cristandade. Eu oro a Jesus às terças-feiras e a Vishnu às quartas-feiras”.

Obreiros de curto prazo também podem se engajar em métodos evangelísticos que causam rupturas desnecessárias no tecido social e que, na verdade, atraem perseguição que continuará a assombrar a igreja local mesmo depois que esses obreiros tiverem voltado para casa, com toda segurança, levando suas fotos e histórias.

Todos esses problemas se somam ao custo das viagens de curta duração. Uma vez que a despesa de viagem é grande, a maior parte dos obreiros de curto prazo custa muito mais caro por semana do que um obreiro de longo prazo custaria. Para custear viagens de curta duração, as igrejas realocam recursos do trabalho efetivo de longo prazo, e isso, na verdade, pode prejudicar a obra global do evangelho.

Portanto, geralmente, a situação não é bonita. Sob o risco de ser terrivelmente contundente, uma avaliação cuidadosa das missões de curto prazo revelará que muitas delas não são efetivas, distraem, desperdiçam tempo e, em alguns casos, são completamente contraproducentes à causa de Cristo entre as nações.

MISSÕES DE CURTO PRAZO QUE AJUDAM

Diante disso tudo, será que deveríamos simplesmente descartar de nossas igrejas todas as viagens de curta duração? Não. Muitas igrejas, porém, talvez precisem se empenhar seriamente em reformá-las, com o objetivo de atenuar o efeito dessas armadilhas frequentes. Quando isso é feito, as viagens de curta duração podem ser um auxílio e encorajamento significativo para a obra do evangelho de longo prazo, assim como uma bênção para os indivíduos que viajam e as igrejas que os enviam.

Essa mudança necessária começa antes que alguém embarque em um avião. Começa com o modo pelo qual pensamos nosso objetivo para uma viagem missionária de curta duração. A quem queremos realmente beneficiar? Aqui está uma boa dica: não deve ser nem a nós mesmos nem às nossas igrejas. Logo de início, devemos decidir que cada viagem de curta duração terá como objetivo beneficiar a obra dos missionários de longo prazo e os crentes locais. Em outras palavras, isso significa construir relacionamentos de confiança com pessoas em um lugar onde esperamos trabalhar. Também significa perguntar a essas pessoas o que elas querem que façamos, seja o que for, sempre que for possível, fazendo exatamente o que elas pedem.

Mais uma vez, é por isso que as igrejas devem focar seu suporte financeiro em missionários que elas conheçam e que estejam fazendo um bom trabalho destinado à plantação ou revitalização de igrejas. Queremos enviar obreiros de curto prazo fundamentados no mesmo critério. Isso, normalmente, envolverá enviar a maior parte de nossos obreiros de curto prazo, se não todos, para servir pessoas a quem já damos suporte. Isso pode resultar em nossas igrejas realizarem menos viagens de curta duração; mas essas viagens seriam bem mais úteis.

O foco deve estar na missão de longo prazo

Comprometer-se com isso significa realizar missões de curto prazo tendo como foco principal as missões de longo prazo. Na verdade, isso significa duas coisas.

Primeiro, é preciso se certificar de que suas viagens de curta duração serão úteis aos trabalhos de longo prazo que você conhece bem e sustenta. Isso também significa deixar os missionários que estão no exterior decidirem quando, se, e com que finalidade seus membros viajarão. Esses critérios podem fazer com que as viagens de curta duração se tornem bem menos atraentes para os membros da sua igreja, mas, no fim, elas servirão melhor aos obreiros de longo prazo.

Por exemplo, uma das viagens de curta duração mais frequentes que minha igreja realiza tem a finalidade de ajudar a organizar reuniões de reciclagem para nossos missionários de longo prazo. Isso inclui coisas como cuidar de seus filhos para que eles possam participar dos seminários de treinamento. Por quê? Porque é isso que eles nos dizem que querem. Os missionários precisam desse tipo de ajuda diária com frequência, mas eles não podem contratar incrédulos dos locais onde estão, porque estes poderiam denunciá-los aos governos hostis. E também não podem contratar os crentes nativos, para evitar que eles sejam detidos pelo governo. Assim, os membros de minha igreja viajam alegremente por todo o mundo para tomar conta dos filhos dos missionários e realizar outros trabalhos de bastidores, pois, no pior dos casos, governos não amigáveis provavelmente nos dirão para voltarmos para casa.

Quando, porém, reformamos nosso trabalho de curto prazo com humildade, o fruto pode ser profundo. Lembro de uma viagem à Ásia Central em que alguns membros de nossa igreja em Washington D.C. estavam cuidando dos filhos de alguns missionários durante um encontro de treinamento. Não foi nada empolgante nem divertido. O lugar do encontro estava desabando. Uma tarde, porém, um casal de missionários veio falar comigo quase chorando. Eles tinham acabado de descobrir que a pessoa que estava sentada no chão, brincando com seu filho de dois anos e trocando fraldas o dia todo era um funcionário da Casa Branca. Diga o que quiser sobre o poder e a importância aos olhos do mundo. Para aquele casal de missionários, a ideia de que alguém tão íntimo do presidente dos Estados Unidos tivesse usado suas férias para

servi-los tão humildemente era um imenso encorajamento. Será que qualquer um de nós está tão ocupado ou se tornou tão importante que não possa servir os missionários assim? Será que nós realmente nos importamos tanto assim que nossas viagens de curta duração sejam animadas ou interessantes, se sabemos que elas são encorajadoras e úteis?

Em segundo lugar, missões de curto prazo com uma visão de longo prazo incluem o objetivo final de que seu trabalho resultará em membros de sua própria igreja, algum dia, vivendo de longo prazo nos lugares em que você se comprometeu. Fazer isso, porém, pode também significar que, em vez de procurar constantemente por novas experiências missionárias, você deveria identificar alguns poucos lugares estratégicos e enviar para lá cada vez mais pessoas durante os anos.

O trabalho de curto prazo, eventualmente, pode também ajudar a começar novas oportunidades em um novo lugar. Eu soube de algumas igrejas que fizeram isso em lugares onde não havia missionários ou congregações locais. Essas igrejas identificavam uma área estratégica e (normalmente em parceria com uma agência missionária) desenvolviam um meio de enviar pequenos grupos de seus membros até lá. Geralmente, eles faziam várias visitas durante o ano para conhecer pessoas e doar Bíblias, ou apresentar um filme evangelístico, ou apenas visitar como turistas cristãos ou até participar de algum trabalho de assistência. Por meio desse processo, eles começavam a conhecer realmente a região e as pessoas. Eles estavam arando a terra, por assim dizer, e apenas pela sua conduta e identificação aberta como cristãos desmentiam a hostilidade local com os seguidores de Cristo. Porém, o que tornou esse trabalho duradouramente útil foi o objetivo de enviar pessoas de longo prazo. Seja um trabalho novo, sejam relacionamentos já existentes, parte de nosso objetivo deveria ser finalmente enviar nossos próprios obreiros para se engajarem na obra de longo prazo.

Preparando-se para a viagem de curta duração

Uma vez que nós focamos no trabalho de curto prazo centrado na igreja, como preparamos os participantes para servirem bem? Aqui estão dez pontos que qualquer participante em uma viagem de curta duração deveria considerar.

1. *Seu foco deve ser a glória de Deus entre as nações.* Deus é grande. Ele é infinitamente digno de ser louvado por todas as excelências de sua natureza. Em seu insondável amor, Deus escolheu glorificar a si mesmo ao demonstrar misericórdia por meio de Cristo aos rebeldes pecadores e que se autoglorificam, como você e eu. Essa verdade deveria encher nosso coração de espanto e louvor (Rm 15.8-10).

Por mais simples que isso soe, uma das melhores coisas que você pode fazer para preparar uma viagem a fim de dar suporte a obreiros distantes é pensar profundamente sobre a grandeza de Deus e sua extraordinária misericórdia no evangelho. Deus merece ser louvado entre as nações e ele, de fato, será louvado e ficará satisfeito (veja Jo 10.16; Ap 5.9). Não há nada como a grande visão do glorioso plano global de Deus para colocar nossas preocupações e contribuições individuais em uma perspectiva apropriadamente menor.

2. *Seja humilde.* Fomos redimidos por aquele que “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, mesmo a morte numa cruz” (Fp 2.8). Seria uma tragédia de proporção imensa, então, se tratássemos nosso trabalho para ele com um pouco de arrogância que fosse. Ao contrário, devemos ser humildes. Devemos nos submeter aos obreiros que estão no campo, e mesmo uns aos outros, em amor. Devemos ser tardios no falar. Não devemos pensar de modo tão elevado a respeito de nós mesmos, mas sermos prontamente dispostos em servir. Que o aroma da humildade de Cristo seja evidente em tudo o que fazemos e dizemos.

3. *Esteja preparado para se sentir esgotado e se deixar esgotar.* O trabalho em um lugar distante, com *jet lag*, e em um ambiente estranho é cansativo. Espere dedicar-se até o limite para encorajar e ajudar os obreiros de sua igreja. E espere sentir como se estivessem sugando toda

a sua energia. Isso, é claro, pode não ser sempre divertido, mas quando você se sentir cansado, pense no *porquê* está cansado. Esse é o cansaço da dedicação exaustiva ao reino de nosso Senhor. Que até mesmo a sua fadiga lembre a você do valor do evangelho.

4. *Seja flexível.* Viagens de curta duração quase nunca acontecem como você planejou. Prepare-se de antemão para aceitar isso. Um dos meios mais tangíveis pelo qual as igrejas podem servir obreiros que estão distantes é não ficando aterrorizadas quando os planos mudam e não exigindo que os obreiros resolvam os problemas. Prepare-se jogar para o alto os seus planos (se for preciso) e abraçar o ministério do “seja o que for”. Lembre-se que seu objetivo último não é realizar uma tarefa, mas encorajar homens e mulheres que deixaram muita coisa por causa do evangelho. Em geral, nós os encorajaremos melhor ao realizar qualquer coisa que eles considerem mais útil, mesmo que seja diferente de nossas preferências ou nossos planos.

5. *Seja um aprendiz.* Parte de ser humilde é perceber que você não sabe de tudo e estar pronto a fazer perguntas e aprender. Não pressuponha que porque você sabe como fazer algo bem em casa, saberá como fazer isso bem em outro contexto. Você honrará os que vivem no país estrangeiro ao fazer perguntas e estar sempre pronto a aprender com eles.

6. *Incentive.* Mesmo que não saibamos muito, há algumas coisas de que podemos estar absolutamente certos. Deus é bom, e ele faz tudo o que lhe agrada (Sl 115.3; Jo 10.11). Essas duas verdades são os dois pilares da confissão cristã: Deus é bom e Deus é Senhor. Recorde os missionários dessas duas verdades em centenas de modos diferentes. Fale sobre sua própria satisfação na bondade de Deus e seu controle. Ao fazer isso, você abençoará os missionários e apoiará o fundamento da confiança deles em seu próprio trabalho. Se realmente entendemos essa realidade, o que pode nos preocupar?

7. *Não meça esforços no serviço.* Devemos nos associar aos que partiram pela causa do nome de Cristo dando-lhes suporte de modo

digno de Deus (3Jo 5-8). Esteja preparado para cuidar de seus obreiros de modo abundante, mesmo que vá além do que pareça razoável. Esteja pronto a fazer isso de forma “digna [do próprio] Deus”. Isso demonstrará não apenas que nós os valorizamos como indivíduos, mas também que nós valorizamos acima de tudo o grande evangelho que eles carregam.

8. *Não seja um fardo para os outros.* Em viagens como essa, pode ser difícil evitar cair no modo: “Sou um turista, sirva-me”. Muitos obreiros me contam histórias de pessoas que foram “servi-los” apenas com o interesse em serem entretidos, ajudados e servidos. Com frequência, quando estamos em viagem, estamos cercados por lugares incríveis, e é totalmente compreensível querer usar nosso tempo contanto que isso não crie um fardo a mais para os que nós dizemos ir servir. Esteja atento a isso. Prepare-se para deixar de lado coisas que gostaria de fazer para servir os que você foi abençoar. Certamente, você encontrará grande alegria nisso, não importa o que seja capaz de fazer.

9. *Seja paciente.* Pela nossa paciência, mostramos evidência tangível da humildade banhada no evangelho. Quando precisarmos pedir aos obreiros da missão para fazer, consertar ou explicar algo, seja paciente com a resposta deles. Em muitos países, deslocar-se pode ser frustrante e ineficiente. Muitas culturas se movem em um ritmo diferente da nossa e demandas que para nós parecem simples podem, na verdade, dar muito trabalho para outra pessoa. Mais uma vez, esse é um ótimo meio de servirmos uns aos outros e aos nossos obreiros: seja paciente e confiante em Deus, mesmo quando as coisas não acontecem no ritmo que consideramos adequado.

10. *Seja focado na glória de Deus entre as nações.* Todas as dicas anteriores, é claro, são apenas aplicações da verdade central com que começamos. Deus é glorioso e digno de ser louvado. Suas promessas de perdão, redenção e comunhão são mais dignas do que qualquer coisa que possamos ter ou imaginar. A questão é não aprender essas poucas regras básicas, mas sim estudar o evangelho profundamente e, então, encontrar modos de aplicar as implicações do evangelho às nossas

experiências fora de nosso país. Abasteça-se com pensamentos da graça dada no evangelho, e deixe que isso transborde nas suas palavras e ações. Se você fizer isso, certamente será uma bênção que glorifica a Cristo em sua viagem e em qualquer outra área de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo isso pode exigir ajustes no modo de a igreja encarar as missões de curto prazo. Para outros, talvez exija uma completa revisão na obra de curto prazo. Mas se isso soa como uma abordagem bíblica, se tem o aroma da humildade de Cristo, e se parece ser sábio, por que, então, você não faria essa mudança?

Membros que se acostumaram com tipos de viagens menos úteis podem ficar desapontados. Tenha sabedoria e sensibilidade ao realizar essas mudanças. Porém, diante da quantidade de dinheiro, tempo e preocupação investidos nas viagens de curta duração, certamente devemos pensar com muito cuidado sobre meios de tornar essas viagens realmente úteis. Afinal, não é isso que queremos?

¹ Don Fanning, “Short term missions: a trend that is growing exponentially”, *Trends and Issues in Missions* 4 (2009), disponível em: http://digitalcommons.liberty.edu/cgm_missions/4. Fanning relata que as missões de curto prazo cresceram 8.000% desde 1980 — de 20 mil para 1.6 milhão. As missões de longo prazo cresceram aproximadamente 10% durante o mesmo período.

² Downers Grove: InterVarsity, 2000.

ATRAINDO AS NAÇÕES POR OUTROS MEIOS

O cerne da obediência missionária à Grande Comissão consiste em enviar e dar suporte aos obreiros do evangelho com o objetivo de agregar pessoas a igrejas, ultrapassando as fronteiras étnicas, culturais e geográficas (Mt 18.18-20). Missões significa isso. Por toda a história cristã, essa tem sido, e continua sendo, a alegria e o dever de toda igreja fiel (3Jo 7).

Contudo, a fidelidade em enviar missionários desse modo não exclui quaisquer outros esforços que nossas igrejas possam desenvolver no nível global. Alguns esforços podem ser implicações de outros mandamentos bíblicos. Outros são apenas ideias a considerar. Não podemos, evidentemente, dar atenção a tudo o que vale a pena. Mas há três acessos para as nações que, espero, não iremos negligenciar em nosso zelo apropriado ao enviar e dar suporte a missionários. A maior parte deles pode não ser vista como missão, no sentido mais tradicional. Nem todos eles focam em recursos da igreja local. Porém, alguns membros da igreja têm um dom, enquanto outros membros têm outros. Depois de realizarmos o que é claramente comandado, talvez ainda possamos fazer mais. Quem sabe quantos outros meios o Senhor se agradaria em usar? E isso pode começar exatamente no local onde vivemos.

ALCANÇANDO AS NAÇÕES SEM SAIR DO PAÍS

Stephen veio da China para os Estados Unidos a fim de estudar. Ele cresceu como um ateu e pensava que, se Deus existisse, ele não poderia ser pessoal. Deus deve ser distante como as estrelas ou a lua, além do conhecimento e do nosso alcance.

Na universidade, Stephen começou a frequentar aulas de inglês lecionadas por cristãos. Ele gostou das pessoas que conheceu. Apreciava a ajuda delas com o inglês, mas algo mais o motivava a não faltar às aulas. Quando Michael, um dos professores, o convidou para discutir a Bíblia, Stephen ficou feliz em comparecer. Durante mais de um ano eles se encontraram toda semana. O progresso foi lento. A diferença de idioma era um obstáculo muitas vezes difícil de vencer. Havia semanas em que ele e Michael conseguiam analisar apenas um ou dois versículos. Mas Michael persistiu, semana após semana. Lentamente, com altos e baixos, Stephen começou a entender Deus e o evangelho. Mais de um ano depois de seu primeiro encontro, Michael estava presente no domingo que aquele jovem vindo da China, antes ateu, foi batizado como um cristão.

Deus tem trazido cada vez mais pessoas de outras nações às nossas portas. Isso acontece em muitos lugares ao redor do mundo. Um relatório de 2010 sobre as dez cidades americanas com a maior população muçulmana *per capita* contém nomes que já esperamos, como Detroit, Nova York, Houston e Washington D.C., mas também tem várias surpresas, como Peoria, Illinois e Cedar Rapids, em Iowa.¹ Quando você pensa sobre grupos étnicos muçulmanos específicos, os resultados podem ser ainda mais surpreendentes. Em 2015, por exemplo, Memphis (Tennessee), registrava, de longe, a maior população curda nos Estados Unidos.

Considere também a população vinda do subcontinente indiano, em sua maioria de origem hindu. Sim, você os encontrará em lugares como Nova York e São Francisco. Mas você também encontrará grandes populações em Dallas, Texas, e mais de 30 mil indianos vivendo em

Phoenix, Arizona. Mesmo Columbus, Ohio, e suas áreas próximas possuem algo em torno de 16 mil imigrantes recentes da Índia.²

Muitos de nós não precisam embarcar em voos internacionais para alcançar pessoas de outras religiões e culturas. Precisamos apenas abrir os olhos, olhar ao redor e nos envolver com as nações em nossa própria cidade. É estranho que realizar a obra do evangelho no local onde vivemos pode parecer mais intimidador do que fazer uma viagem de duas semanas ao redor do globo. Muitas pessoas simplesmente não sabem por onde começar ou como apresentar o evangelho para esses estrangeiros. Contudo, se estamos realizando grandes esforços para ver o evangelho levado a lugares distantes, faz sentido observar as pessoas que Deus tem conduzido até as nossas próprias portas.

Não há uma receita mágica de como estimular isso em uma congregação. Aspectos como localização, nacionalidades que se encontram na vizinhança e como é a sua congregação influenciam os métodos a serem usados. Podemos delinear, porém, alguns princípios úteis e refletir sobre algumas experiências de uma igreja local.

1. *Pesquise.* O primeiro passo é descobrir quem são as pessoas de outras culturas e grupos étnicos que vivem em sua região. Isso é tão simples quanto abrir os olhos ao dirigir por diferentes partes da sua cidade. Há muitas lojas de comida “Halal” em um bairro perto do seu? É provável que você tenha vizinhos muçulmanos. Visitar lojas étnicas pode ser um jeito especialmente bom de aprender e se conectar com comunidades étnicas ou religiosas específicas. Esses mercados, com frequência, têm murais de avisos com informações sobre eventos, festas e necessidades da comunidade que podem proporcionar oportunidades para descobrir e construir relacionamentos. É claro que apenas fazer alguma simples pesquisa demográfica online sobre sua comunidade pode ser fácil e útil.

2. *Tome a iniciativa.* Independentemente do que descobrir sobre sua comunidade, será preciso iniciativa e encorajamento para envolver a sua congregação. Em minha igreja local, nós concluímos que a principal

população da vizinhança era de estudantes estrangeiros. Então, começamos a orar algumas vezes, em nossas reuniões de oração públicas, para que Deus nos permitisse alcançar esses estudantes com o evangelho.

Confiar em Deus em oração, contudo, não impede a iniciativa humana. Um de nossos presbíteros resolveu tomar a iniciativa, também. Ele conversou com um membro da igreja, nascido em Cingapura, que havia se convertido quando era estudante em Londres. Esse jovem começou a dirigir um estudo bíblico para estudantes estrangeiros a fim de servir de modelo e incentivo para essa abordagem. Com o passar do tempo, essa iniciativa gerou classes de língua inglesa em dois campi universitários locais e uma rede dupla de estudo, em que membros da igreja se reuniam com estudantes interessados em estudar a Bíblia em inglês. Ao final, mais de cinquenta membros da igreja se encontravam a cada semana para explorar a Bíblia com estudantes de países onde o evangelismo é severamente restringido.

3. *Tente coisas diferentes.* Como sua congregação poderia desenvolver esse trabalho? Poderia ser ministrando aulas de inglês ou incentivando membros a ingressarem em clubes locais de futebol para adultos, frequentados principalmente por estrangeiros. Ou fazendo contato com organizações que acolhem refugiados, ou se voluntariando para ir ao aeroporto encontrar novos estudantes estrangeiros que acabam de chegar. Cada uma dessas coisas pode ser um grande ponto de partida. Mas o melhor meio de se aproximar dos estrangeiros talvez seja apenas ser amigável e aberto quando encontrar com eles ao fazer compras, na rua ou em sua vizinhança.

4. *Fale com as pessoas.* Uma senhora de nossa igreja conheceu uma mulher muçulmana que tinha começado a trabalhar no salão de cabeleireiro que ela frequentava. Na primeira vez em que as duas se falaram, nossa irmã mencionou que estava arrumando o cabelo para o casamento de uma amiga. Então, ela perguntou à mulher muçulmana — obviamente recém-chegada em nosso país — se já havia estado em um casamento cristão. Ela disse que não. No mesmo momento, nossa irmã

convidou a mulher para ir com ela ao casamento na nossa igreja, no fim de semana. A mulher veio, ouviu o evangelho e uma nova amizade nasceu dali. Pode ser fácil assim.

5. *Pratique a hospitalidade internacional.* A maior parte dos visitantes e dos imigrantes recentes estão naturalmente interessados em conhecer os habitantes e a cultura local. Infelizmente, as estatísticas mostram que 80% dos estudantes estrangeiros nunca veem o interior de uma casa americana durante sua estadia. Imigrantes que permanecem no país por mais tempo se saem apenas um pouco melhor. Essa é uma ótima oportunidade para os cristãos exercerem a hospitalidade, e para você, como um líder ou membro de igreja, é também uma ótima oportunidade de servir de modelo para outros em sua congregação. Isso vale para qualquer país em que você esteja.

Feriados são momentos especialmente bons para isso. Em praticamente todos os grandes feriados, nossa família recebe pelo menos um ou dois estudantes estrangeiros para fazerem uma refeição conosco. Durante a refeição, temos a chance de compartilhar com eles nossa gratidão pela graça que Deus estendeu a nós em Cristo, além de explicarmos algumas comidas e tradições culturais bem divertidas.

6. *Prepare-se para ser paciente.* Por mais que você busque relacionamentos com os estrangeiros, é preciso reconhecer alguns dos desafios envolvidos nisso. Para começar, as expectativas dos estrangeiros a respeito do tempo de convivência podem dar um susto nos americanos. Outras culturas dedicam um tempo muito maior para as amizades. Você precisa estar preparado e disposto a educar seus amigos estrangeiros sobre sua cultura, estabelecendo, de uma forma educada, os limites que são convenientes para você e sua família.

Você também precisa de uma boa dose de paciência para o investimento a longo prazo nos relacionamentos. Com frequência, é preciso preparar o terreno durante muito tempo, antes que o evangelho comece a criar raízes. A cultura norte-americana está longe de ser cristã, mas parece que muitos norte-americanos têm pelo menos uma ligeira

familiaridade com o evangelho, seja por meio dos pais, conhecidos ou amigos. E há, pelo menos, alguma fluência cultural com ideias dos evangelhos, mesmo que de modo deturpado.

Para muitos de nossos amigos de outras culturas, porém, não há nada disso. Talvez eles nunca tenham conhecido um cristão e podem não ter nenhuma familiaridade com a Bíblia ou o evangelho. Pessoas oriundas de comunidades islâmicas ou hinduístas podem até ter sido ensinadas a odiar os cristãos e a Bíblia. Ou seus amigos estrangeiros podem ter vindo de uma cultura radicalmente secular, como muitos da China, onde a crença teísta é considerada uma deficiência mental. Deus pode fazer e fará o que lhe agrada, mas no curso normal das coisas, isso geralmente toma um bom tempo e exige paciência para superar os problemas que esses entraves culturais criam. O fruto, contudo, é digno do esforço.

ALCANÇANDO AS NAÇÕES POR MEIO DE IGREJAS PARA ESTRANGEIROS

Era o verão de 2004 e eu estava viajando por uma nação muçulmana na Ásia Central. Estavam comigo um jovem pastor e sua esposa. Eles sentiam um forte impulso de levar o evangelho ao mundo muçulmano. Maduros e com sólida base teológica, eles pareciam o tipo de pessoas que poderiam prosperar em outra cultura. Ainda assim, à medida que viajávamos por uma nação 99% muçulmana, ficou claro que eles não iriam para lá como missionários.

O homem se sentia compelido a pregar e desejava pastorear uma congregação. Naquele país, contudo, a oposição local e a hostilidade do governo faziam com que esse tipo de pregação estivesse fora de questão. Ao contrário do que se esperava, seu papel ali certamente seria quase evangelizar e discretamente treinar líderes locais para serem os pregadores e pastores de igrejas locais. Ao final de nossa viagem, estávamos todos certos de que o trabalho pioneiro de plantação de

igrejas em um contexto muçulmano provavelmente não era para eles. Esse, porém, não foi o fim da história.

Logo depois, uma igreja internacional de fala inglesa em uma nação árabe muçulmana entrou em contato com nossa igreja pedindo ajuda para encontrar um novo pastor. Parecia uma ótima combinação para nosso casal. O marido poderia pregar e pastorear uma congregação de expatriados (estrangeiros), em inglês, e ainda poderia continuar trabalhando para evangelizar e influenciar a obra entre os muçulmanos.

Isso foi em 2005. Desde então, Deus tem ultrapassado até mesmo nossas expectativas mais otimistas. Aquela congregação se fortaleceu e passou a ter uma maior diversidade, tornando-se uma porta de entrada para as nações. Longe de ser um clube para ocidentais, a congregação é cheia de estrangeiros árabes, indianos e filipinos. Seu impacto tem sido amplo e profundo. Eles têm plantado outras igrejas próximas e em outras cidades. Eles ajudaram a treinar pastores locais de países muçulmanos vizinhos e encorajaram o evangelismo entre os povos locais. Isso não é exatamente uma plantação pioneira de igreja. Pode até não ser missões no sentido mais restritivo do termo. Encorajar, porém, esses tipos de postos avançados do evangelho pode ser uma poderosa ferramenta para o evangelho, especialmente em países hostis ao testemunho cristão autóctone.

Nossas próprias igrejas também deveriam considerar como dar suporte a esforços como esse, não apenas com dinheiro, mas com o grande dom sacrificial de nossos membros. Deveríamos ajudar homens jovens a perceber que eles não têm de sempre escolher entre serem pastores *ou* trabalhar entre as nações. Algumas vezes, eles podem fazer os dois, mesmo em alguns países extremamente fechados. Também deveríamos considerar como podemos enviar membros da igreja comuns e fiéis para participar e dar suporte a igrejas como essas (mais que em um momento).

Mas há alguns desafios e bênçãos especiais que combinam com esse tipo de trabalho.

Igrejas para estrangeiros: bênçãos e vantagens

1. *Dar suporte aos missionários.* Igrejas internacionais podem dar suporte e ajudar os missionários de tempo integral, mais tradicionais, que precisam de encorajamento, comunhão e ensino fiel. Isso é particularmente necessário até que os novos missionários aprendam a língua local e, se possível, integrem-se a uma igreja da língua local, pois eles ainda precisam obedecer a Hebreus 10.25 e congregar em uma igreja local sempre que possível. Eles ainda precisam de uma comunidade eclesial em que possam servir e ser servidos. Quem sabe quais ministérios uma igreja internacional pode encorajar apenas por meio dos missionários que ela sustenta, ama, discipula e serve?

2. *Modelar a saúde da igreja bíblica.* Além disso, uma igreja internacional saudável pode ser um grande recurso para outros pastores locais, ao modelar a boa pregação e as estruturas bíblicas. Sempre haverá algumas diferenças culturais entre igrejas internacionais e igrejas nativas, e até mesmo na mesma cidade. Se a Bíblia, porém, é suficiente em qualquer lugar, os elementos essenciais da pregação a partir da Bíblia e das estruturas bíblicas da igreja serão os mesmos em qualquer lugar. O padrão de igrejas onde os membros servem, em vez de apenas buscarem ser servidos, é necessário em qualquer lugar. Principalmente em áreas onde esses conceitos bíblicos não foram ensinados, ou foram exemplificados de uma forma ruim pelos missionários ocidentais, o exemplo de uma igreja bíblica de estrangeiros pode ajudar muito a desfazer o dano.

3. *Providenciar uma plataforma de acesso, relacionamentos e treinamento.* Com frequência, fico surpreso com os países que se opõem à obra missionária, mas são abertos a igrejas de estrangeiros de fala inglesa (ou pelo menos fazem vista grossa para elas). Essas igrejas podem ser extremamente úteis nesses contextos em três aspectos.

Primeiro, muitos empresários cristãos sabiamente não pensarão em deslocar suas famílias para uma cidade sem uma igreja que pregue o evangelho. Quando existe uma igreja, viver lá passa a ser uma

possibilidade. Em segundo lugar, com essas famílias vem todo tipo de relacionamento de fora da igreja. Assim como acontece com qualquer outra, o tamanho de uma igreja para estrangeiros não se mede apenas pelos que passam pela porta, mas também pelas portas que são abertas aos membros quando eles deixam a reunião da igreja. Finalmente, essas igrejas podem ser centros e plataformas para treinamento bíblico sério. Por causa de seu status visível, aberto, algumas vezes elas podem trazer outros para treinamento com mínima interferência.

Eu conheço uma igreja internacional que recebe regularmente pastores de uma nação próxima intensamente restrita. Ali os pastores podem ter treinamento, encontrar encorajamento e observar uma congregação saudável. Então, eles retornam para o seu próprio país para pastorear com maior fidelidade, fora do alcance da maior parte dos passaportes ocidentais.

Igrejas para estrangeiros: desafios

Com todas essas bênçãos, pode também haver desafios especiais em lidar com uma congregação internacional de estrangeiros.

1. *Levando uma comunidade mista à unidade.* O fato de que apenas uma ou duas igrejas estrangeiras podem existir em certa cidade pode criar uma grande pressão para menosprezar características doutrinárias importantes para que todos os filhos de Deus possam se congregar. Porém, se você quer uma igreja que leva a Bíblia e suas doutrinas a sério, menosprezar o ensino não irá funcionar.

Por exemplo, você precisará ensinar se o batismo é apenas para crentes ou também para os filhos dos membros da igreja. Quando Jesus diz, em Mateus 18.17: “dize-o à igreja”, podemos pensar que ele, na verdade se referia à congregação ou, então, que ele se referia ao corpo de presbíteros ou a um bispo em outra cidade. Porém, se há apenas uma igreja internacional em sua cidade, você pode sentir uma grande pressão para ignorar o ensino bíblico de modo que todos possam se reunir em uma igreja.

O triste resultado dessa boa intenção geralmente se traduz em igrejas que extraem o máximo divisor comum da doutrina e podem, inadvertidamente, dar um exemplo não bíblico para os cristãos locais. Se você quer liderar uma igreja de estrangeiros em outra cultura, é com esse tipo de desafio que terá de lidar.

2. *Compromisso superficial.* Igrejas de estrangeiros geralmente têm de lutar com o compromisso superficial de alguns que desejam se unir a elas. Cristãos nominais que não se dariam o trabalho de participar de uma igreja em seu país natal podem desejar participar de uma igreja em um outro país, mais pelo senso de comunidade familiar do que pelo amor de Cristo. Isso é tanto uma oportunidade evangelística quanto um grande desafio pastoral.

3. *Pressões legais para excluir pessoas locais.* O maior desafio de membresia pode não ser os estrangeiros mornos, mas os nativos ansiosos. Em muitos lugares o governo permitirá as igrejas estrangeiras na condição implícita (ou declarada) de que a população local não possa participar. Diferentes igrejas internacionais lidaram com isso de modos diferentes. Alguns argumentam que eles deveriam obedecer a Deus e não aos homens e simplesmente acolher todos os que vierem participar, ser batizados e se envolver. Outros são mais cautelosos ou astutos, mas ainda assim querem tornar o evangelho disponível a todos. Temo que alguns, em uma infidelidade covarde, decidem manter o evangelho com eles mesmos para não deixar a canoa virar. Seja o que for que eles decidam, esse pode ser um dos problemas mais espinhosos com que esse tipo de igreja terá que lidar.

4. *Atos 6 novamente.* Mesmo nas melhores igrejas internacionais, onde muitas e diferentes culturas são representadas, há conflitos semelhantes aos de Atos 6. Um grupo cultural pode dominar, deixando o outro se sentindo desvalorizado ou marginalizado. Manter a unidade entre tanta diversidade demandará grande sabedoria e um compromisso com a Bíblia como normativa, em vez de qualquer representação cultural em particular. Dividir, com sabedoria, a liderança entre várias etnias é uma obrigação.

5. *Estresse transcultural*. Além de tudo isso, há os desafios que os membros enfrentam quando vivem e têm família em outra cultura. Isso pode ser especialmente difícil onde a participação em uma igreja estrangeira restringe a imersão na cultura ao redor. Isso pode gerar a sensação de não estar integrado à população local ou de não aprender a língua estrangeira tão bem quanto um missionário tradicional faria. Tudo isso pode acrescentar-se aos desafios desse tipo de vivência e ministério transcultural. Ainda assim, quando bem feito, esse tipo de trabalho é certamente recompensador.

Dando suporte a igrejas para estrangeiros

Como nossas igrejas podem desempenhar um papel nesse ministério? Primeiro, podemos encorajar homens que estão se preparando para o ministério pastoral a considerarem o pastoreio de igrejas em outros países. Podemos analisar se nossas próprias congregações poderiam ajudar o estabelecimento de novas igrejas internacionais. Algumas igrejas internacionais não querem que os seus próprios membros sustentem o ministério do qual se beneficiam (como manda Gálatas 6.6). Isso levanta questões teológicas. Contudo, esses trabalhos certamente precisam de dinheiro para começar. Embora alguns cristãos não gostem de locais de reunião que tenham sido propositadamente construídos para abrigar igrejas, alguns países esperam ou até mesmo exigem que os estrangeiros construam tais locais de encontro; e dar suporte a esses projetos pode ser um investimento útil. Mais pastores devem pensar em usar seus dons nesses tipos de igrejas. No entanto, esse trabalho não é apenas para pastores e pregadores. Cristãos maduros podem usar suas habilidades profissionais para ajudar no assentamento e se juntar a outros na obra do evangelho. As possibilidades são várias.

Uma boa igreja é algo bom em qualquer lugar. E as melhores características de uma igreja internacional são comuns a qualquer igreja fiel. Deus se comprometeu a usar as congregações de seu povo em todo

lugar para manifestar a sabedoria de seu evangelho ao mundo que nos observa (Ef 3.10). Mas há um tipo especial de glória em uma igreja séria e centrada no evangelho em um lugar desprovido da luz do evangelho. Quanto mais a sala é escura, mais clara é a candeia de luz. Isso se aplica mesmo quando uma determinada igreja não prega na língua local. Embora não seja o mesmo que a igreja criando raízes entre a população local, isso ainda pode ser um começo, uma ajuda e uma gloriosa testemunha.

ALCANÇANDO AS NAÇÕES POR MEIO DE SUA PROFISSÃO

Carência de trabalhadores

Essas igrejas internacionais não precisam apenas de pastores e dinheiro. Elas precisam de membros fiéis, dedicados à comunhão e ao esforço de alcançar as pessoas que os cercam. À medida que a economia do mundo se torna cada vez mais global, muitos cristãos têm maior consciência do papel que a migração e os mercadores cristãos desempenharam na propagação do evangelho. Começando com os refugiados dispersos pela perseguição narrada em Atos 8.4, que estavam “anunciando a palavra” à medida em que fugiam, os cristãos ajudaram a espalhar o evangelho no curso da vida normal, incluindo as viagens e a imigração. Esse padrão do Novo Testamento se manteve com os comerciantes da Rota da Seda e da Índia, com os trabalhadores que emigraram para a América do Sul e com os atuais empregados das empresas multinacionais. Por séculos, cristãos têm espalhado o evangelho quando outros fatores, como o emprego, os deslocam pelo mundo.

A maioria de nós trabalha em um emprego durante cerca de quarenta horas por semana, não importa em que lugar vivemos. E a maioria de nós conhece os vizinhos. Nós fazemos compras nos mesmos lugares, dia após dia, e acabamos conhecendo as pessoas que trabalham lá. Nossos filhos fazem amigos na escola, e nós conhecemos os seus pais. Nós almoçamos com colegas de trabalho ou clientes. Não importa onde

vivemos, nossas vidas terão muitos elementos em comum. Imagine, então, se em vez de fazer essas coisas onde já pode haver milhares de cristãos, você fizer tudo isso em um lugar onde a maior parte das pessoas nunca conheceu um cristão ou ouviu o evangelho. E se você vivesse em uma cidade onde 95% da população fosse muçulmana ou hindu? Que novas oportunidades de compartilhar o evangelho poderiam surgir?

Sim, Deus Espírito Santo escolheu focar os esforços da igreja no treinamento, no envio e no suporte a missionários enviados “por causa do Nome”. Talvez seja por isso que o livro de Atos fala apenas de passagem sobre o impacto do evangelismo cristão no curso das viagens diárias, e foca quase que exclusivamente na obra de Deus por meio dos apóstolos e outros missionários enviados pelas igrejas. Mas só porque um ator não ocupa o papel de protagonista no palco missionário de Deus, isso não significa que ele ou ela não tenha um papel valioso a desempenhar. Plantar sua vida e carreira em um lugar estratégico pelo bem do evangelho entre as nações pode ser uma ideia muito boa e um grande suporte às missões globais.

Suporte à plantação pioneira de igrejas

Sempre haverá necessidade de missionários enviados e sustentados por igrejas locais obedientes. Isso é especialmente crucial em áreas pioneiras, onde a pressão de aprender uma nova língua em uma nova cultura é, em si mesma, uma tarefa que exige dedicação em tempo integral. Mas pense como os missionários pioneiros poderiam ser ajudados se várias famílias de cristãos maduros se deslocassem para as cidades deles para trabalhar em empregos normais, a fim de ajudar e encorajar esses missionários. Uma das maiores necessidades dos missionários pioneiros é o encorajamento espiritual. Por definição, eles estão em áreas com poucos cristãos, ou mesmo nenhum.

E se cristãos maduros pudessem fazer uma aliança com esses missionários e se juntar a eles como uma igreja? E se eles comessem a

convidar missionários para as redes de relacionamentos construídas por meio de seus contatos profissionais? E se pudessem providenciar suporte, ajuda a famílias com necessidades e até mesmo encorajamento para os novos convertidos, se tiverem suficiente domínio da língua estrangeira para isso? Fornecer esse tipo de comunhão e suporte seria um trabalho difícil e caro, mas proveria um tipo de ajuda capaz de provocar uma mudança de vida para os missionários pioneiros. No entanto, seria um tipo de obra especial, provavelmente não o mais adequado para os cristãos que têm empregos estáveis.

Edificando sobre um fundamento existente

Para a maior parte dos cristãos, talvez seja um plano melhor se unir e dar apoio a uma igreja de estrangeiros já estabelecida. Assim como em seu país natal, uma igreja já estabelecida proveria o contexto e a estrutura para a vida cristã. A maioria de nós precisa desse tipo de comunhão e estrutura para prosperar como cristãos. Essa é a razão pela qual Cristo estabeleceu sua igreja e nos advertiu a nunca esquecermos de nos reunir em uma congregação local (Hb 10.25). Viver em terras estrangeiras não altera essa necessidade nem apaga o mandamento de Deus. Certamente você precisará de uma igreja que use uma língua que você conhece bem. Para a maioria das pessoas, isso talvez signifique uma igreja estrangeira que fale uma outra língua além do idioma local.

Se você fizesse parte de uma congregação estrangeira local, desejando ser sal e luz em sua comunidade, como isso multiplicaria os seus próprios esforços? Você pode não ter o tempo e as oportunidades que um missionário de tempo integral tem, mas nem todos estão destinados a serem missionários de tempo integral. Ainda assim, a maior parte dos cristãos está destinada a trabalhar, viver e amar no contexto da membresia fiel em uma igreja local. Não vale a pena considerar a possibilidade de viver isso em um lugar com menos cristãos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quer vivamos no nosso país natal ou no outro lado do mundo, exercendo um ministério de tempo integral ou nos sustentando com o fruto do nosso trabalho secular, Deus tem trazido as nações às nossas portas. Sob vários aspectos, nunca foi tão fácil apresentar pessoalmente o evangelho a outras pessoas. Talvez Deus nos dê ousadia, sabedoria e criatividade para pensar modos de responder à sua bondade, de modo que, por meio de nós e de nossas igrejas, mesmo as ilhas mais distantes possam cantar de alegria (Is 42).

¹ Kate Shellnutt, “Houston among the Top 10 Muslim Cities in U.S.”, *Houston Chronicle*, August 12, 2010. Disponível em: <http://blog.chron.com/believe-it-or-not/2010/08/houston-among-the-top-10-muslim-cities-in-u-s/>.

² “Total U.S. Indian American Population”, *Pew Research Center*, disponível em: www.pewsocialtrends.org/asianamericans-maps/#indian.

CONCLUSÃO

Seguindo em direção às nações

Comecei este livro com uma história sobre Beth e a comissão de missões disfuncional da igreja dela. Talvez você tenha visto sua própria igreja refletida em alguns dos desafios da congregação de Beth. Os membros de sua igreja talvez confundam boas obras com missões evangelísticas, ou valorizem as viagens de curto prazo mais pelo crescimento pessoal, ou talvez sempre busquem o próximo atalho para fazer missões de modo fácil e rápido. Talvez você esteja em uma congregação onde os membros estão confusos sobre qual seja de fato a missão da igreja, como fazê-la e quem é o alvo.

Se as ideias deste pequeno livro parecem sábias e bíblicas, o que resta é planejar seus próximos passos. Para ajudar, quero resumir alguns pontos-chave.

1. *Líderes precisam liderar.* Tudo começa com os líderes de sua congregação. É maravilhoso quando um ou dois membros adquirem uma perspectiva mais bíblica sobre missões. Mas as coisas irão mudar para melhor quando os líderes começarem a conduzir a congregação em uma direção mais saudável. Se você for um líder em sua igreja, comece a liderar. Ensine as implicações missionárias do evangelho toda vez que isso aparecer no texto bíblico. Dê bons livros sobre missões aos membros de sua igreja. Lidere com determinação, mas também com gentileza e grande paciência. Apresente missionários fiéis à sua congregação. Considere as oportunidades de viajar para outros continentes para dar suporte ao trabalho desses missionários. Geralmente, nada fala mais alto a uma congregação sobre a importância de missões e o valor de missionários específicos do que o fato de um pastor investir seu próprio tempo e energia.

2. *Todo membro pode ajudar.* Mesmo que você seja um membro de igreja sem qualquer papel formal de liderança, você ainda pode trabalhar para encorajar sua congregação em relação a missões. Mas é preciso ser cuidadoso. Antes de qualquer coisa, fale com seu pastor, com os presbíteros ou com o líder de missões. Talvez seja uma boa ideia emprestar este livro a ele antes de conversar sobre esse assunto. Trabalhe com sabedoria e paciência. Não podemos deixar que Satanás use nosso entusiasmo por coisas boas para minar a unidade da igreja. Vá devagar e se certifique de que os líderes de sua congregação estão com você. E ore sempre. Peça a Deus para ajudar sua congregação a desenvolver uma noção ainda mais bíblica sobre as missões globais. Ele é um Deus bom e tem prazer em responder as orações que pedem auxílio para as igrejas dele.

3. *Ensine uma cosmovisão bíblica.* O melhor meio de mudar o modo de uma igreja realizar missões não é discordando, mas sim ensinando. Trabalhe para mudar a cosmovisão de sua congregação, primeiro ao garantir que o evangelho seja claramente entendido e amado pelos seus membros. Fale sobre a missão especial da igreja de preservar o evangelho e proclamá-lo a todos os povos. Ajude os membros a entenderem a função da plantação de igrejas. Ensine a eles sobre o controle de Deus sobre todas as coisas e sobre a sua fidelidade. Um bom entendimento do papel decisivo de Deus na salvação é o melhor fundamento para ajudar uma igreja a discernir entre as abordagens fiéis e infiéis a missões.

4. *Invista em relacionamentos de longo prazo.* Comece a investir em relacionamentos de longo prazo com pessoas que você confia e respeita em lugares distantes. Por meio de sua própria rede de igrejas já existente, pergunte sobre ministérios ou missionários fiéis a quem eles dão suporte e procure meios de encorajá-los e ajudá-los em seu trabalho. Convide alguns missionários fiéis para passarem um tempo longo com a sua congregação. Faça-lhes uma visita para ajudar com um projeto, ou simplesmente vá conhecer o trabalho deles. Seja paciente. Edifique devagar e fielmente, embora também com urgência.

5. *Resista à sedução dos resultados imediatos.* À medida que você investe em relacionamentos de longo prazo e avalia o trabalho, resista ao canto de sereia dos resultados visíveis imediatos. Pense cuidadosamente sobre como avaliar os obreiros a quem você dá suporte. Fundamente sua avaliação em relacionamentos que lhe permitam conhecer a fidelidade e a sabedoria daqueles a quem sua igreja apoia. Onde esses elementos estiverem presentes, persevere. Encoraje os obreiros que labutam nos campos de solo árido. Continue orando por eles e com eles. Lembre-se, eles esperam ansiosamente por frutos visíveis, por convertidos, por igrejas, e anseiam por ver Cristo sendo glorificado nas cidades deles. Não aumente essa pressão dizendo a eles que você espera ver números grandes. Quando investir seu dinheiro, não envie apenas para os grupos que se gabam dos resultados mais impressionantes. Conheça os obreiros e os ministros, busque por fidelidade ao evangelho e, então, mantenha-se o mais próximo deles que puder.

6. *Espere com confiança e senso de urgência.* Finalmente, enquanto nos envolvemos e trabalhamos na obra de missões, precisamos de uma confiança e senso de urgência. Precisamos ter senso de urgência porque o pecado é real e o inferno é mau; e confiança porque Deus é grandemente bom e o céu imensamente glorioso. Por que vacilar no caminho para a celebração da vitória?

Devemos ser confiantes porque sabemos que a missão não falhará. Nós podemos falhar em nossa fidelidade, mas Deus não falhará em sua missão. Cristo *terá* as nações por herança. Especulação frenética e culpa são fracos elementos motivadores, quando comparados com a realidade do invencível plano de Deus de resgatar cada filho pelo qual Cristo morreu. Cristo não perderá nenhum daqueles que o Pai lhe deu, e Deus escolheu nos usar, em inúmeras igrejas locais, como agentes do triunfo de seu evangelho.



9Marcas existe para munir os líderes da igreja com uma visão bíblica e recursos práticos, a fim de demonstrarem a glória de Deus às nações por meio de igrejas saudáveis.

Com esse fim, queremos ver as igrejas sendo caracterizadas por estas nove marcas de saúde:

- 1 Pregação expositiva
- 2 Teologia bíblica
- 3 Entendimento bíblico do evangelho
- 4 Entendimento bíblico da conversão
- 5 Entendimento bíblico da evangelização
- 6 Entendimento bíblico da membresia na igreja
- 7 Disciplina na igreja
- 8 Discipulado bíblico
- 9 Liderança bíblica na igreja

Encontre mais informações no site <http://pt.9marks.org>.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DA SÉRIE



O QUE CARACTERIZA UMA BOA PREGAÇÃO?

Nesse volume acessível – escrito para pregadores tanto experientes quanto em formação –, o pastor David Helm apresenta o que todo pregador deve crer e conquistar para se tornar um expositor fiel da Palavra de Deus.



COMO VOCÊ SE RELACIONA COM A DOUTRINA?

Qualquer que seja a resposta que lhe venha à mente, esse livro não apenas o convencerá de que a sã doutrina é vital para uma vida piedosa, mas também explicará o papel essencial da teologia na vida de uma igreja saudável.



DE QUE MANEIRA A IGREJA REFLETE A BELEZA DE CRISTO?

O evangelho é uma mensagem teológica. Contudo, essa mensagem cria também beleza humana: belos relacionamentos em nossas igrejas que tornam a glória de Cristo visível no mundo de hoje.



Nesse livro oportuno, o pastor Ray Ortlund defende a ideia de que a doutrina do evangelho cria uma cultura do evangelho. Em muitas de nossas igrejas, a beleza de uma cultura do evangelho é a peça que falta ao quebra-cabeça. No entanto, quando permitimos que o evangelho exerça plenamente seu poder, a igreja brilha com a glória de Cristo.



EVANGELIZAÇÃO É MAIS QUE UM PROGRAMA

Imagine uma igreja em que a evangelização simplesmente faça parte da cultura da igreja. Os líderes estão sempre compartilhando a fé e o fazem abertamente. Os membros os seguem, incentivando uns aos outros a tornar a evangelização uma forma de vida. Esse é o conceito de evangelização apresentado nesse livro.



POR QUE DEVO SER MEMBRO DE UMA IGREJA?

Tornar-se membro de uma igreja é quesito essencial da vida cristã, sendo, porém, negligenciado com frequência. Aliás, a tendência atual é abandonar a prática da religião organizada, o que demonstra aversão ou medo de compromisso, especialmente em relação às instituições. Jonathan Leeman aborda essas questões

de maneira objetiva, ao definir membresia na igreja e explicar por que ela é importante.



A DISCIPLINA BÍBLICA É ESSENCIAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA SAUDÁVEL

Jonathan Leeman nos ajuda a enfrentar a enorme variedade de circunstâncias e pecados para os quais não há estudo de caso nas Escrituras. Tais pecados não aparecem em nenhuma lista e carecem de modelo bíblico para ser devidamente corrigidos em amor. Aqui está um guia prático, contemporâneo e conciso, com um arcabouço teológico para compreender e implementar medidas disciplinares na igreja local.



DE QUE MANEIRA AJUDAMOS AS PESSOAS A SE PARECER MAIS COM CRISTO?

Neste guia conciso, o pastor Mark Dever trata do fazer discípulos – ajudar as pessoas a seguir a Jesus – de forma profunda, respondendo às perguntas: Quem, o que, onde, quando, por que e como discipular?

A obra explica como os relacionamentos dedicados a fazer discípulos devem se conduzir no contexto da igreja local.



O QUE É UMA LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA EFICAZ?

Jeramie Rinne apresenta as funções do presbítero com base nos ensinamentos bíblicos sobre a liderança eclesiástica. Oferecendo orientações práticas para o novo presbítero e auxiliando os membros da igreja a entender melhor seus líderes espirituais e a apoiá-los, esse texto sucinto encorajará os presbíteros a abraçar seu chamado com graça, sabedoria e visão clara.



COMO A NOSSA MANEIRA DE ENTENDER A CONVERSAO PODE INFLUENCIAR NOSSO MINISTÉRIO?

Nesse pequeno livro, Michael Lawrence ajuda as igrejas a entender corretamente a diferença que a doutrina bíblica da conversão deve fazer para o ensino, o evangelismo, o discipulado, a membresia e todas as outras facetas da vida da igreja local.